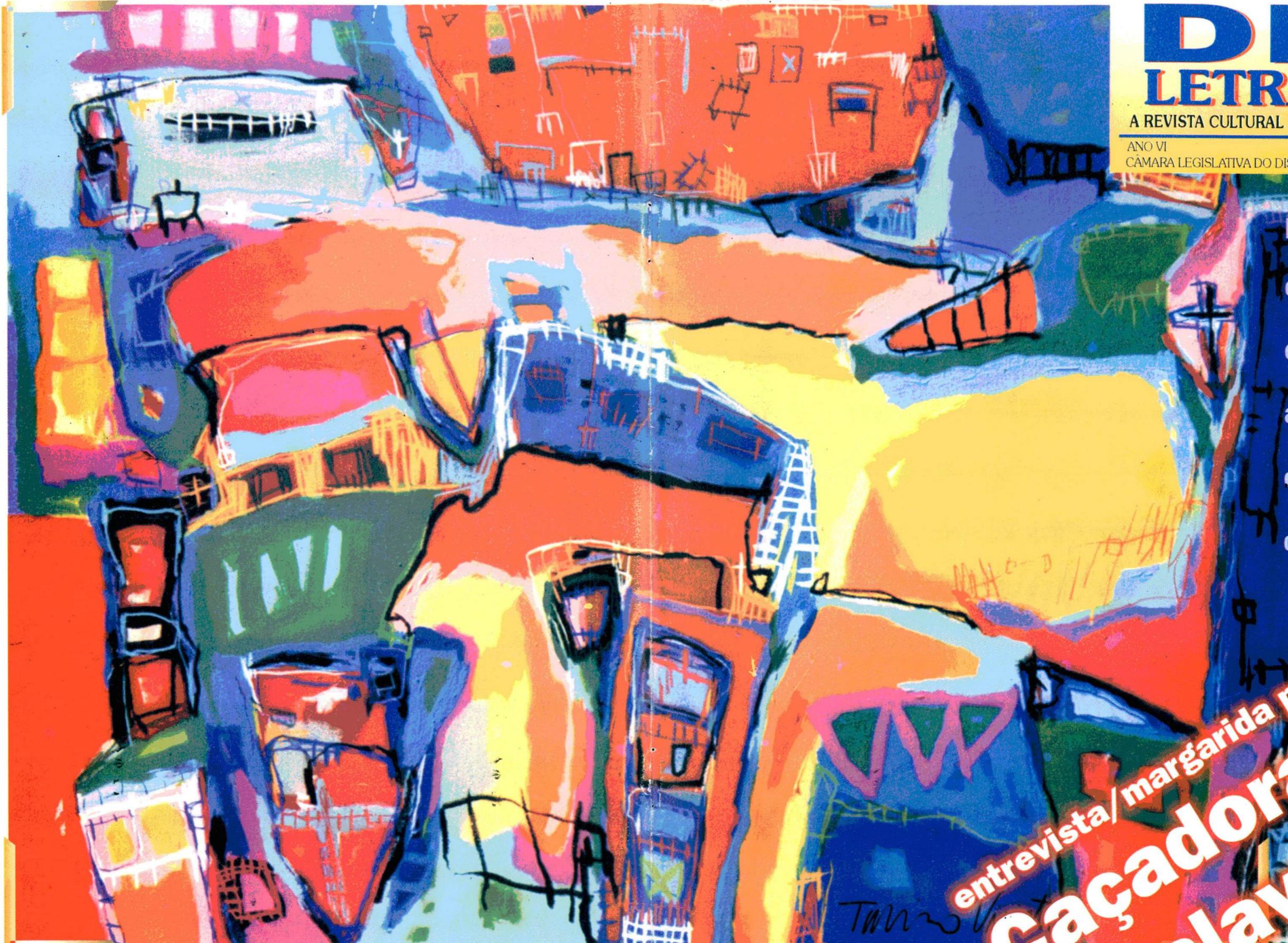


brasília desvirginada

CONTRATO 281-0/97
ECT/ Câmara Legislativa/DF
UPAC/ Câmara Legislativa

IMPRESSO



tarciso viriato

BRASÍLIA DAS
ARTE PLÁSTICAS

entrevista / margarida patriota
Caçadora de
palavras

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VI
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
Nº 75/81

poemas

crônicas

contos

artigos

ensaios

críticas

Câmara Legislativa do Distrito Federal

Presidente

Edimar Pireneus

Vice-Presidente

Gim Argello

1º Secretário

Wasny de Roure

2º Secretário

Daniel Marques

3º Secretário

Benício Tavares

Conselho Editorial: Francisco Gustavo de Castro Dourado, Afonso Ligório Pires de Carvalho, Margarida Patriota, João Henrique Serra Azul, José Ferreira Simões, Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro, José Prates, Gracia Cantanhede, José Geraldo Pires de Mello, Luiz Gonzaga Rocha, Diniz Felix dos Santos, Romário Schettin, João Vianney C. Nuto, Marco Túlio Lustosa de Alencar. **Coordenador de Editoração e Produção Gráfica:** Randal Junqueira. **Assistente da Coordenadoria:** Wellington M. Oliveira. **Editor DF Letras:** Luis Turiba. **Programação Visual:** Marcos Lisboa. **Editoração Eletrônica:** Apolo Guandalini. **Fotografia:** Fábio Rivas, Silvio Abdon, Carlos Gandra, Rinaldo Morelli. **Revisão:** Anamaria Silva Pinheiro, Glória Iracema D. F. Alencar, José Afonso de Sousa Camboim e Vania Maria Rego Codeço. **Digitação:** Gilberto Lucas e Chrissoula Pappas. **Chefe da Seção de Editoração:** Valéria Castanho. **Equipe:** Ana Beatriz Caçador, Antônio Eufrauzino, Claudio de Deus, Claudio Gardin, Dino Souza, Hélio Araújo, Marcelo Perrone, Marizete Amaro e Nelci Stein. **Chefe da Seção de Produção Gráfica:** Pedro Victor de Senna Rodrigues. **Equipe:** Abimael Amorim, Adelton Godoy, Antônio A. dos Santos, Antônio Carlos Pereira, Carlos A. de Macedo, Celso Santana, Cláudio Quilici, Denilson Caldas, Edson de Lima, Francisco C. Bezerra, Glacy Barrozo, Guilherme Bacalhao, Irani de S. P. Araújo, Ivanildo de A. Silva, Jonatas Martins, José C. de Sousa, José de Jesus, José Bergamaschi, José de Albuquerque, Kleber Salles, Lázaro Tolentino, Luiz Fidyk, Nicanor F. Ricardo, Oscar Monterrojas, Raimundo Nonato T. Carvalho, Reinaldo Andrade, Silvio R. Fonseca e Vicente Lima.

Tiragem:

5 mil exemplares.

Esta edição comprehende os números 75/81, meses de maio a novembro/2000.

Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo das mesmas.



Câmara Legislativa do Distrito Federal

SAIN - Parque Rural - CEP 70086-900 - Brasília-DF - Fone: (61) 348-8000

Redação

Fones:

(61) 348-8412 e 348-8959

Fax:

(61) 348-8413

E-mail:

df-letras@cl.df.gov.br



Artes de Brasília tarciso viriato

□ LUIS TURIBA

No começo era o risco. Depois, o colorismo foi tomando corpo como notas musicais a formar sinfonias urbanas dodecafônicas para alegrar paredes. Várias telas dentro de uma única tela. A cor dá o tom e o sabor. Da colcha de retratos (ou seria recados?) surgem imagens: um sapo voando; uma menina que ainda não tirou o uniforme de escola e já está no quintal, suja de barro, pulando amarelinha; uma mulher gorda cor-de-rosa deitada debaixo de um lençol azul turquesa; um peixe (piranha?) de boca aberta à espera do boi; as ondas do mar do Ceará e as árvores do cerrado. Escadas, trilhos, costuras, retângulos voadores, letras que dançam. Os quadros de Tarciso Viriato trazem em si todas as dialécticas das crianças. Minha filha Luísa descobriu as

cores do mundo em um dos seus quadros. O crítico Alberto Beuttenmüller, da Associação Internacional de Críticos de Arte, fala em "transvanguarda" para designar a lúdica e viva linguagem de Tarciso. Do texto de apresentação da sua última exposição na Visual Galeria de Arte, destaco o seguinte trecho: "Tarciso trabalha a tela como se fosse um muro de espaço urbano, grafitando em traço nervoso, unindo as cores fortes e quentes, como amarelo, vermelho etc. Cores solares, alegres, como são os grafite em geral. A divisão espacial é também caótica como se o artista não realizasse uma composição à maneira tradicional, mas ao contrário, propusesse outro plano espacial."

Na edição de uma revista a escolha da capa vem – quase sempre – por último. Quando os assuntos já estão todos acomodados e os textos exaustivamente revisados, é hora de pensar: e a capa? As sugestões foram muitas, mas a solução veio mesmo do editor da revista, parceiro e poeta Luis Turiba: "Ora, vamos colocar uma aquarela do artista plástico Tarciso Viriato." A idéia surgiu em meio à aprovação de uma proposta, na Câmara Legislativa, que entra para a história da capital do país: o projeto Artes Plásticas, do deputado Gim Argello.

Também era necessário um texto para explicar a capa, falar do artista e informar o nosso leitor. E tome Luis Turiba de novo! Tirou da manga um texto já pronto sobre Tarciso Viriato. O resultado é esse, uma capa vibrante, colorida e entusiasmada, bem ao espírito da revista. (daniborges)

"O psicodélico tesouro do caos"

Tarciso é um artista de vanguarda do século XXI, porque constrói quadros numa espécie de transe de cores e riscos. Riscos nos dois sentidos: tanto no uso de rabiscos como elementos estéticos de sustentação de seu colorismo, como porque também pisa na beira do precipício da ousadia. Todo quadro seu tem o sufoco do parto. É ele quem confessa: "Gosto de quebrar o ritmo do olhar do observador, levando-o, de repente, a um outro plano de visão."

Pintor da favela urbana, do mocambo de assentamento, do cortiço de vidro raian, Tarciso costuma ver naves espaciais do seu atelier no alto do Lago Sul. Por isso, seus quadros têm céu. E todo este universo está no seu trabalho psicodélico. Uma imagem é costurada a outra com agulha e linha, pincel e lápis, fios energéticos, relâmpagos, raios, ondas ultrassônicas. O figurativo transfigurado que ele bebeu nos mestres Picasso, Miró, Kandinski e nos grafiteiros da pop-art. Mas é assim mesmo: da confusão do caos vem o tesouro. Tarciso é muito tranquilo. Operário da pintura e artesão de carteirinha, sua performance tem ciência. Quem procurar vai achar. Arrisque-se!

Cartas

E-mail: df-letras@cl.df.gov.br

DF Letras
SAIN-Parque Rural
CEP 70086-900 - Brasília-DF
Telefone (61) 348-8959

Brilhante

Apresento-lhe meus cumprimentos pela excelência do trabalho editorial e meu reconhecimento pelo brilhante artigo de Clarice Lispector, que foi muito feliz abordando a histórica fundação de Brasília.

Desejo que essa revista permaneça sempre aos cuidados de pessoas tão eficientes, capazes, dedicadas e amantes dessa cidade, para o seu maior crescimento e progresso. Parabéns pela iniciativa!

Doumerval Tavares Fontes - São Vicente/SP

Alto nível

Recebi a revista cultural e tive o prazer de saboreá-la, apreciando o alto nível dos artigos apresentados. Os poemas foram escolhidos criteriosamente. Gostei de constatar que Cora Coralina não morreu. Parabéns a todos.

Djanira Pio - São Paulo/SP

Ousadia

Realmente, DF Letras é uma ousadia que nos rendeu bons frutos; minha vontade é de ficar sob essa árvore fértil, e sempre degustar desses frutos, que nos alimentam de arte. Que a colheita continue... Cordialmente,

Carlos Dalmo - Belém/PA

Sucesso

Prezados editores,
Vi, recentemente, uma propaganda dessa revista cultural no IQI (Informativo de Quadrinhos Independentes nº 35). É sempre bom ter acesso a novos veículos de divulgação cultural, principalmente para quem trabalha com artes plásticas como eu. Portanto, desejando-lhes sucesso com o trabalho, aguardo com ansiedade o envio de um exemplar da DF Letras.

Marcelo - Recife/PE

Conteúdo

Apreciei, e apreciaram também os leitores a quem passei o exemplar da DF Letras, 63/64 - ref. dez/99, pelo que agradeço a feliz lembrança, da parte dos editores, em nos brindar com tão importantes conteúdos.

Geraldo Peres Generoso - Ipaussu/SP
Academia de Letras Flor do Vale

Elogio

Elogiar a publicação também é preciso, partindo da Câmara Legislativa, pois dificilmente se consegue em nosso país que os poderes públicos dêem atenção às publicações culturais. Portanto, nada mais justo que se faça o merecido elogio. Parabéns, pois, aos idealizadores da revista e parabéns aos que a mantêm em circulação.

Nealdo Zaidan - Anchieta/ES

BRASÍLIA 40 anos

Parabéns pela revista DF Letras comemorando Brasília e seus 40 anos. Não poderia estar mais charmosa e bela. Toda ela retrata e respira um conto de fadas. Foram muito felizes os que lhe deram cor, vestindo-a de palavras, falando do criador da capital do nosso Brasil, JK!

Felizes os que aí residem e a ela dão valor. DF Letras, uma deliciosa leitura, sempre.

Mercedez Vasconcellos - São Paulo/SP

Vi a revista (edição 40 anos de Brasília) e achei-a linda. Vocês têm dado à DF Letras seleção e apresentação dignas de louvor. Não há preconceitos, o que é muito bom, pois deve haver espaço para todos os que façam um bom trabalho.

Agradeça ao Deputado Gim Argello, por mim e pela ANE, pelo apoio que tem dado à revista.

Um grande abraço da **Branca Bakaj**

Associação Nacional de Escritores - ANE - Brasília/DF

Para ficar

DF Letras veio para ficar, pelo despojamento na discussão da cultura. Muito oportuno, por exemplo, o artigo de Branca Bakaj, "Pequeno estudo sobre Macunaíma". É uma profunda reflexão sobre a identidade brasileira, escondida atrás dos estereótipos que favorecem o fenótipo europeu de pureza e dignidade.

Parabenizo o também poeta Diniz Felix dos Santos, pelo seu "cabrállico" poema "Os seios da namorada desperta". É como se estivéssemos à beira-mar, ansiosos, quando, de repente, "nas vagas, singrando, lá se vão as caravelas, lançadas aos ares; bojudas naves de antanho". Que bela imagem!

Rogo que essa publicação tenha vida longa.

Zeca Domingos Silva - Porto Velho/RO

Designer

DF Letras está cada vez mais surpreendente, o acabamento, o *designer* da publicação está lindo.

Abraços

Manoel Gomes - Papuda - Brasília/DF

Entusiasmo

Fiquei radiante e entusiasmado quando li a revista DF Letras. Uma revista importante: ótimos colaboradores, bons redatores, poetas e cronistas.

Parabéns.

Moacyr Cavalcanti - Brasília/DF

Galeria de Artes Brasília

Brasília é propositadamente sinuosa, descompassada, curvilínea, sedutora. O gênio criador Oscar Niemeyer desprezou deliberadamente - como ele mesmo gosta de dizer - a arquitetura do compasso, da régua, do concreto reto. Fez da capital do Brasil sede do traço pós-moderno.

A obra maior do criador merece, além do realce natural de Athos Bulcão, receber outras obras de artes plásticas. Acaba de ser aprovada na Câmara Legislativa, lei de minha autoria que torna obrigatória a inclusão de obras de arte em edifícios a serem construídos em Brasília, públicos ou privados. A lei também vale para as praças com mais de mil m². Quem não cumprir a lei não receberá o Habite-se do edifício.

Detalhe importante: a obra deve ser de artista plástico, preferencialmente, residente em Brasília, cadastrado na Secretaria de Cultura do DF ou entidades representativas. Obras de artista plástico falecido, de reconhecido valor estético, também poderão embelezar os novos edifícios de Brasília.

O projeto foi amplamente debatido na Câmara e teve o apoio de todos os segmentos envolvidos com a proposta. A classe empresarial, representada pela Associação dos Empresários do Mercado Imobiliário do Distrito Federal - ADEMI, por exemplo, recebeu com muita simpatia a proposta e, durante o tempo em que o projeto de lei esteve tramitando na Casa, promoveu intensa mobilização dos artistas plásticos e entidades representativas, para a aprovação do texto junto aos deputados distritais.

Valeu o empenho! A Câmara Legislativa foi unânime e deu o primeiro passo para transformar Brasília em uma verdadeira Galeria de Artes a céu aberto.

O apoio veio de todos os lados, como o reconhecimento da curadora Celina Kaufman e da Art & Art Galeria. Para Celina, "essa lei engrandece em muito o acervo cultural da cidade, complementando a arquitetura local e conferindo-lhe um caráter de desenvolvimento típico dos grandes centros do mundo, como se faz em Barcelona, Florença e tantas outras capitais culturais".

Mas foi aqui mesmo, no Brasil, que me inspirei para fazer o projeto. Em Recife existe lei semelhante e funciona. Que Brasília e Recife sirvam de exemplo para o resto do país. É tempo de democratizar as criações de pintores, escultores, designers, artistas gráficos. São eles os poetas das formas e das cores na recriação do belo em espaços públicos.

Gim Argello

Deputado distrital pelo PMDB-DF
e Vice-presidente da Câmara Legislativa



□ DINIZ FELIX DOS SANTOS

I Os sinos, os bronzes,
ressoam, ao longe,
a doce canção.

São Lucas, São Marcos,
São João, São Mateus
recebem à entrada.

Do teto da nave,
velando por nós,
alados arcangels:

são anjos-de-guarda,
amigos banhados
em luz natural.

E as Crianças rezando...



II Qual hino de plástica,
as formas geométricas
a cobrem de pedra.

Pirâmide asteca
cortada no ápice,
vivendo espetáculos.

Tocar Villa-Lobos,
sorrir Martins Penna,
cantar ou chorar,
comédias e dramas,
tragédias e récitas...

Que belos momentos!

E as Crianças bailando...

**“ Sou filho de um Criador, irmão
de todos os humanos. Não serei filho
desnaturado, nem irmão renegado ”**

Julgando com compaixão
No rol da obrigação
Não devem apressar os fatos
Para não serem ingratos
Com a natural condição

Servir à população
E a ela sempre exortar
A participar com unidade
Pois sem isso é impossível
Para o mais belo estratega
Compreender a sociedade
E por mais que ele tenha ego
Governar nossa Cidade

Especial atenção
Deve dar-se à educação
E nesta prioridade
As crianças estarão
Acima da realidade
Pois elas são a razão
E as flores da nossa luta
Por uma sociedade justa

O povo em sua andança
Terá paz e segurança
Nos caminhos assinalados
Terá boas vibrações
Encontrando aliados
E sábias orientações

As máquinas serão usadas
Como auxiliares da gente
E não como as abusadas
Proprietárias de sua mente
Para não fazerem da vida
Uma insensata corrida

Os recursos serão públicos
E não de pública senhora
Serão gastos com ciência
Probidade e sem demora
Partindo da prioridade
Para toda a sociedade

Assim o peixe e o pão,
Como empresa em boa mão,
Estarão multiplicados
E quanto mais se fizer
Mais recursos surgirão
Vindos de todos os lados

Coragem e humildade
Deve ter nosso Prefeito
Respeitar a liberdade
Não ostentar o que foi feito
- O povo sabe julgar,
Percebendo a melhor via -
É simples filosofia!
Vale esperar, quem desconfia!
Ouvir o povo e seus sábios
Em toda oportunidade

É sabedoria que os lábios
Dizem desde a antiguidade
Escrever, criticar e falar
Movimento de protesto
Não deve ao governo assustar
Nem temer um justo gesto!

O juiz desta cidade
Julgará com integridade
Não é possível aceitar
Por medo ou prevaricação
Que o rico, grande infrator
Pose de herói num salão
E o pobre sem defensor
Apodreça na prisão

Um parlamento soberano
Honrará nossa cidade
Trabalhando ano após ano
Buscando a felicidade
Fazendo da fala do povo,
Em linhas tortas ou certas,
Leis boas, úteis, corretas
Para toda a sociedade

A Academia de Platão
Lá da Grécia em Brasília
Será como um coração
A roda contínua da vida
Não viverá sobressaltos
Por medo ou inapetência
Omissão ou desinteligência
Buscando sempre dos fatos
Nutrir-se de forma sensata
Em atitude ética e grata

Dos problemas morais, humanos
Extrairá com o diálogo
Todo o Conhecimento do Bem
E com o Conhecimento
A Ética e o Bem servirão
Aqui e a qualquer momento

Para implantar a Justiça
E uma nova sociedade
Não apenas na Cidade
Mas em toda a nação

Ao assumir esta Presidência, não posso esquecer
tudo o que vivi e passei. Sou filho de um Criador,
irmão de todos os humanos. Não serei filho
desnaturado, nem irmão renegado. Meus queridos e
generosos confrades aqui me puseram com a
incumbência de cuidar do que é correto. Aqui e agora.
Aqui, neste sagrado quadrilátero tão brasileiro. Agora,
porque o Brasil reclama de todos nós.

Assim será, espero, o exercício da fraternidade para
a qual esta Academia de Letras do Distrito Federal
orgulhosamente dará sua elevada contribuição.

Se assim não for é melhor que nenhuma Aca-
demia exista.
Muito obrigado.

“ assim como as pessoas, todas as línguas são irmãs, apesar de algumas terem sido impiedosamente proibidas ”

realidade não pode ser escamoteada como se pretende oficial e oficiosamente fazer. O povo português é tão nosso irmão quanto os naturais desta terra. E é isto que deve ser reconhecido na história como base para a construção dos quinhentos anos: conflitos e harmonia. A língua portuguesa permeou e veiculou esses conflitos, onde nem sempre o que prevaleceu foi a compaixão e o respeito. A religião institucional e oficial foi também um meio eficaz de impor padrões e vontades do colonizador. Quanto à língua, esta, por força de uma miscigenação bela e atípica aqui produzida, enriqueceu-se com vocábulos e expressões dos povos indígenas e foi logo enxertada das línguas africanas, ambas fortemente ligadas à natureza.

Com o tempo, diversos povos foram acrescentando ao nosso sangue e à nossa fala, à nossa vida, sua valiosa contribuição. Eis por que podemos afirmar com orgulho: o Brasil é o país onde mais se democratizaram a língua e o sangue, forjando uma identidade onde se encontra presente o mundo inteiro, com a prevalência, é claro, do que é nosso: corpo e alma multícor.

Esta é a grande lição: assim como as pessoas, todas as línguas são irmãs, apesar de algumas terem sido impiedosamente proibidas. Mas nesse caso elas se tornaram símbolos da liberação de seu povo.

Esses dois exemplos nos ensinam que a letra não pode jamais ser escrita com sangue nem com lama, seja pelos poderosos da corte, seja pelos que têm o dom da palavra. Aqui não se pode ocultar a omissão sob pretexto de uma terceira via que não se assemelha nem a uma nem a outra posição. De novo, o desafio é o de organizar a Cidade como Esparta ou Atenas e colocar-se diante dos nossos olhos, ante nossa consciência e a partir dela - a Cidade - toda a nação. Fechada ou aberta, rígida ou plástica, eis a questão: idêntica a quem a faz com soberania ou desfigurada na multiplicidade dos matizes alienígenas.

7. A PEDAGOGIA DA VIDA

A cultura, ou seja, a identidade e a educação permeiam necessariamente um processo semelhante. Neste sentido gostaria de responder não com a lógica nem tampouco com a dialética, mas simplesmente com a sensibilidade de Anton Makarenko, pedagogo soviético (aliás, a missão de uma academia é, antes de tudo e sobretudo, pedagógica). Quando incumbido da missão de dirigir a Colônia Gorki, onde se encontravam crianças e adolescentes infratoras, órfãs da guerra, rejeitadas e excluídas por diversos motivos, Makarenko colocou-se ante uma fatalidade já onde outros importantes pedagogos haviam fracassado. Qual a linha pedagógica a seguir? O realismo socialista das pedagogias diretivas? O liberalismo de certas correntes ocidentais, mais tarde consagradas pela experiência de Summerhill? A adoção de algum autor reconhecido historicamente? O socrático comunista Anton Makarenko resolveu tudo de uma forma

totalmente nova ao encarar aqueles jovens tão necessitados de amor e compreensão.

Desafiou os fundamentalistas de então ao afirmar que os valores e princípios pedagógicos com os quais trabalharia seriam a misericórdia, a compaixão e a solidariedade, virtudes das quais nenhuma escola, nenhuma organização jamais poderia prescindir. A Colônia Gorki tornou-se a mais bela célula pedagógica da Rússia, agitando profundamente o mundo educacional daquele período de intensas transformações que geraram a União Soviética. Isto está belamente descrito nos três volumes de O poema pedagógico, de Anton Makarenko.

Quero crer que, de lá para cá, não vimos nenhuma atitude tão audaz, nenhuma outra experiência pedagógica que pudesse sobrepor-se àquele gesto genial. Comparável a ela e apenas no seu nível, encontramos os Círculos de Cultura, derivados da alfabetização de adultos, frutos do talento e da dedicação de Paulo Freire, que incontestavelmente constituem a Academia de Letras dos deserdados da Terra.

Nos eternos postulados da maiéutica socrática; na genialidade da Academia de Platão; na ousadia de Makarenko; na coragem e perseverança do povo do Timor Leste; na resistência pluralista do povo brasileiro e no recurso ao método como substantivo conteúdo de Paulo Freire, desejamos orientar esta Academia de Letras do Distrito Federal para direcionar sua missão e elaborar o elenco de suas ações, enfatizando mais uma vez sua vocação para atuar integrada ao mundo em que vivemos, com todos os seus humores e dissabores, e dessa forma responder, desde agora, àquela geração futura curiosa do nosso papel nos dias de hoje.

Ao finalizar quero recordar um trecho da minha mensagem ao chegar a esta Academia.

“... Pois Brasília é Atenas
Espaço-síntese do Brasil
Com suas linhas morenas
Péricles é JK
Calícrates é Lúcio Costa
E Fídias o nosso Oscar
Urbe de homens-grandes
Flores da humanidade
Brasília é por profecia
Orbe da fraternidade
Seu destino permanente
É e será por inteiro
Embrão, átomo, semente
Da alma do brasileiro
Os governantes serão
Os inquilinos do povo
E agirão com devoção
- Como cuidar filho novo!
Respeitarão os direitos



III

Lilás singular,
esfera celeste,
madrinha e abrigo
da missa primeira,
à Cruz-do-Ipê,
no chão do Cerrado.
Morada de Órion,
Centauro, Escorpião,
Cruzeiro do Sul -
brilhantes no azul,
gerando a esmeralda
Candanga Poética.

E as Crianças sonhando...

IV

Infinda Esplanada:
palácios que falam
de audácia e equilíbrio.
A flor de poderes -
Planalto, Congresso
e Corte Suprema -
ou alma do Povo?
Bem-vindos anseios...
Bandeira no alto.
Os olhos na História.
Cabeça marmórea -
zelar diamantino.



E as Crianças crescendo...

DESCOBERTA DO BRASIL

(em Piratininga
e Pindorama
já havia
tanga
e top less)



O poeta
Zuca Saldanha
mora
na Alemanha

“ De que vale a mais bela
academia se ela é surda ao clamor
de um povo que sofre? ”

situação, mas pela realidade cruel e alucinante proporcionada pela impiedade dos que a conduzem ao abismo.

Por isso a determinação dos que possuem o dom da palavra de não animar o confronto não pode significar nem parecer omissão. A Pátria mais uma vez nos chama e clama esperançosa pela ação da nossa força, a palavra.

4. A PALAVRA É A ALMA DO ESPÍRITO

O dom da palavra - dádiva suprema a poucos concedida - não pode ter-nos sido dado em vão. A palavra é a ligá e o laque que une e embeleza a força objetiva de mãos humildes e anônimas que produzem disciplinadamente todos os dias e o potencial militar organizado que tem por dever garantir a independência do Brasil e seu relacionamento soberano com os demais países.

Assim, o trabalho, a palavra e a força dissuasiva, na plena consciência de seus elevados compromissos e missões, encontrar-se-ão aptos a produzir a justiça, garantir a liberdade e construir o bem-estar para os brasileiros, levando-nos a viver em harmonia e cooperação com todos os povos do mundo.

A alguns podemos parecer desviar-nos do fundamentalismo burocrático e da clausura em que se encerraram as academias de letras (isto sim, um desvio absurdo de suas elevadas finalidades).

Entretanto, vale perguntar:

- De que vale a mais bela academia se ela é surda ao clamor de um povo que sofre? De que vale a mais bela academia se ela vacila e se encolhe ante o sagrado som dos tambores da Pátria cuja identidade encontra-se em decomposição? Será que possuímos o direito - sob o pretexto químico do academicismo e da vitaliciedade - de fingir que não ouvimos o chamado desesperado do Brasil? Eu diria que a voz do povo e às vezes seu silêncio - que na verdade é a sua voz sufocada - valem por mil academias.

O acadêmico, seja ele escritor, promotor cultural, etc., tem o dever de responder com sua poderosa arma - a palavra - a esse chamado, colocando com ética, coragem e compaixão a sua virtude e sublime vocação - que é um dom divino cedido a nós em usufruto - para responder ao seu tempo como a suave garoa que sacia a terra seca no presente e fertiliza o futuro para as novas gerações. E que essas, ao olharem para trás, percebam com clareza que soubemos honrar com sabedoria, dignidade e ousadia a nossa condição de guardiões das letras, obreiros da palavra. E que a palavra e as letras em nosso tempo, graças à nossa modesta mas corajosa ação e ao nosso compromisso, sejam mais que mera fraseologia oca, discursiva e individualista, que teria passado pela vida, pelo mundo, sem consciência de seu poder, sem perceber a excelsa oportunidade que o Criador nos concedeu como hóspedes deste maravilhoso planeta na qualidade de espíritos das letras.

5. UM LIVRO POR TIMOR

Quero, neste momento tão solene, tomar como emblemas da caminhada dois eventos que não podem ser desconhecidos nem caricaturizados.

O primeiro deles representado pela resistência heróica de um povo que escolheu a língua portuguesa como signo maior de seu propósito libertário: o valoroso povo do Timor Leste, que representa a luta dos povos do mundo contra todas as formas de dominação, especialmente o colonialismo cultural. Neste sentido, cabe perguntar: porque será que os dominadores escolhem para a preservação de seus intentos de expressão e opressão a subjugação cultural dos povos temporariamente dominados? Assim tem sido ao longo da história, e a resposta é simples: ao dominarem culturalmente um povo sua identidade está quebrada e, ao quebrarem-na, esse povo estará de joelhos. E o primeiro passo para isto é o desrespeito à língua, aceita, reconhecida e falada pelo povo para expressar sua existência e seu projeto de vida. Não é à toa, portanto, que a proibição de falar ou escrever, ou seja, a proscrição total de uma língua sempre foi ação dos governos expansionistas e imperialistas, ao lado da invasão cultural, lenta, permanente e determinada.

Como emblema da nossa posição, a ALDF lança neste momento a campanha “Um Livro por Timor”, quando responderemos com a parcela ao nosso alcance à reconstrução daquele país, expressando o nosso reconhecimento à coragem, determinação e perseverança do povo timorense em preservar a expressão da sua alma e do seu destino que é a língua portuguesa, o braço desarmado da sua luta pela independência. Levemos a sério esta campanha que lançamos a partir deste momento para todo o Brasil, para gritar objetivamente a plenos pulmões e com o coração ardente:

- Irmãos de Timor Leste, estamos incondicionalmente com vocês!

6. O BRASIL SEMPRE EXISTIU

O segundo evento é o que trata da comemoração dos 500 anos da viagem de Cabral ao nosso país. Certas organizações, especialmente alguns veículos de comunicação social, têm descharacterizado, caricaturizado esse fato histórico, dando-lhe uma conotação colonialista. Em sentido contrário, cabe destacar e elogiar o procedimento do povo português e de suas atuais autoridades, que têm adotado uma postura ética, digna, em relação ao acontecimento.

Quando Cabral aqui aportou já existiam seres humanos habitando este vasto país. Desconheciam tecnologias avançadas, mas viviam em sua pureza, entrelaçados harmoniosamente à natureza, em perfeito clima de respeito, afinidade e paz. A chegada de representantes de uma outra civilização com imensurável poder de dominação determinou um impacto violento sobre o povo encontrado. E esta

**“ E a motivação para construir
o poema e a partitura de nossa melodia aponta
para o desafio do nosso tempo ”**

daquela inteligente e corajosa organização?

Mais que desejar responder, interrogamos neste momento, partindo da nossa privilegiada hospedagem no quadrilátero mais brasileiro deste país, o Distrito Federal. Qual é o nosso papel?

Imaginemos um cenário daqui a 50 anos, quando o Brasil, destruído ou reconstruído, perguntar pela alma e pela voz de suas novas gerações:

- O que fizeram os acadêmicos, os escritores, durante aquele período de devastação?

Responderemos desde agora, saindo de dentro das academias. Diremos que escolhemos escrever para a soberania do espírito, a soberania da luz, a soberania da pátria e da humanidade; que nos dedicamos a exaltar a preservação do planeta em que vivemos e que nos foi cedido em usufruto; que nos dedicamos a manifestar o nosso respeito a todos os seus habitantes, que não podem continuar a viver injustiçados, independentemente de sua espécie, sua raça, seu credo, sua nacionalidade. Diremos que soubemos fazer tudo isto honrando com criatividade e beleza a expressão desarmada da nossa nacionalidade: a língua portuguesa, tão brasileira, tão democrática.

E tudo o que fizermos deverá ser feito para ser reconhecido, não agora, mas por aqueles futuros usufrutuários deste espaço, porque é para eles que trabalharemos arduamente, dedicadamente, com a mesma certeza de quem planta um carvalho ou um jequitibá, cujos frutos não veremos, mas existirão. Porque devemos estar conscientes de que o papel de uma academia, muito ao contrário de ser o abrigo das vaidades e bem antes de acolher poderosos e figurões e de ser uma instituição bajuladora do poder oficial, tem o dever de manter-se fiel à origem daquela corajosa primeira Academia - a de Platão - a mãe de todas as academias. É imperioso que nos mantenhamos independentes, soberanos, puros. Vale dizer que é necessário manter-nos leais e coerentes com a verdade e a justiça e o conhecimento do bem, muito ao contrário de cantar laus a governos, a senhores, às ilusões de meios e falsos deuses.

Vejamos e tenhamos sempre presente o gesto de Sócrates que preferiu sorver o copo de cicuta a declarar arrependimento e receber o indulto de seus detratores e algozes. É também o gesto de Platão que lutou, auto-exilou-se, foi preso e vendido como escravo, por manter-se fiel às suas convicções e àquilo que impunha-se como missão naquele período fecundo da história da humanidade.

3. QUE FAZER? COMO AGIR?

Relembro agora os versos simples e belos de Atahualpa Yupanqui: "El que se alza a los gritos/no escucha su próprio canto..."

De nada valerá que cada um de nós ou cada uma das nossas organizações saia por seu lado aos gritos, na tentativa de fazer-se ouvir. Isto equivalerá, na realidade, a uma ação supressora da problematização

dos acontecimentos, da crítica e do diálogo que devem permear o mundo contemporâneo. O isolamento se assemelhará sempre ao exclusivismo e ao exibicionismo de quem, entusiasmado com uma única árvore, não consegue ver e observar a floresta tão vasta, tão bela. Irritará com seus gritos a alguns; assustará com suas trapalhadas outros tantos. Mas não conseguirá convencer e comover a maioria, para a caminhada maior.

O momento exige, de todos nós, postura e atitudes muito diferentes. Trata-se de afinar as vozes e os ouvidos, no solfejo de uma única melodia, numa pauta comum para construir o canto coral das letras do nosso tempo e de fazê-lo audível, inteligível e afável a nós próprios e a quantos nos ouvirem, nos verem, nos sentirem.

E a motivação para construir o poema e a partitura de nossa melodia aponta para o desafio do nosso tempo. E o desafio maior de nossos dias é a luta pela preservação do nosso planeta e a construção de uma humanidade feliz. Não pode mais a espécie humana auto-extinguir-se e destruir a sua maravilhosa casa que é o planeta Terra. E os membros de nossa Academia têm o elevado dever de pronunciar-se sobre isto. Não é mais possível tolerar a exclusão de milhões - ou talvez bilhões - de pessoas pela perversidade de uns poucos e seus diabólicos engendros. Os tempos são de luta contra as trevas que ameaçam a todos. E a nossa palavra deve ser fonte de luz.

O confronto nunca deverá ocorrer por nossa iniciativa. No entanto, é bom não esquecer-nos de que em alguns momentos da história tivemos que fechar os livros e buscar, por outros meios, o reencontro com a liberdade quando ela precisou ser libertada.

Vale recordar nesta oportunidade o diálogo entre Sócrates e Critão, na prisão, sobre o Dever, quando este último tenta convencer Sócrates a fugir, ante a sua negativa:

"És tão sábio que não percebes que mais do que a mãe, o pai e todos os ascendentes, é respeitável a Pátria e mais venerável, mais santa, mais estimada dos deuses e dos homens sensatos?! Que se deve venerar uma Pátria, ceder-lhe e acariciá-la quando agastada, mais do que a um pai? Que se deve convencê-la do contrário ou executar o que ela mandar, sofrer com tranquilidade o que ela ordenar sofrer ou ser espancado ou acorrentado, ou convocado à guerra para ser ferido ou morto? Isto deve ser feito, porque este é o direito e não se deve esquivar nem recuar nem abandonar o posto; mas, na guerra, no tribunal, em toda parte, enfim, cumpre fazer o que quer que ordene a Pátria e seu justo Estado ou dissuadi-la pelas vias criadas pelo direito. Usar da violência contra a mãe e o pai é ímpio, mas muito pior ainda contra a Pátria...".

Tão atuais são as palavras de Sócrates evocando o amor à Pátria que se assemelham ao clamor de um cidadão brasileiro angustiado, não por sua própria

22 DE ABRIL

22 é o número do PINEL (Le Fou) no Jogo de Tarot.

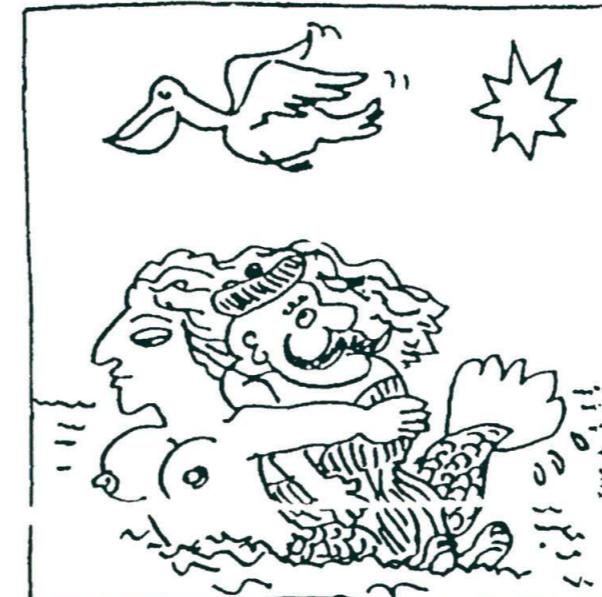
Naturalmente Cabral não poderia descobrir o Brasil porque quando chegou a Porto Seguro ainda não havia o Brasil. O Brasil começou a ser inventado a partir do 22 de abril. Por isso no Pinel, em vez de 22, leva o número ZERO, no Jogo de Tarot. E quem inventou o Brasil, e o continua inventando até hoje? Caramuru, Paraguai, Anchietá (o Padre Voador), portugues, Negros, índios, mulatos, São Jorge, Exu.

IMPRENSA NANICA



cada vez mais forte

ULTIMA NOTÍCIA
DA RÁDIO-RANGEL:
EM VEZ DE DESEMBARCAR
EM PORTO SEGURU
+ CARAVELA DO CABRAL
VIAI EM SURFE-DIRETO
ATE' O PARANOA'



OS LUSIÁDAS



CANTO IX



José Prates (foto) é mineiro de boa cepa. Bom na pena, bom no papo, bom na branquinha. Escreve para homenagear o mundo que o rodeia, palavreia como quem degusta assuntos desse mundão de meu Deus. Ao assumir a Academia de Letras do Distrito Federal bordou um pronunciamento que é uma reflexão para as agremiações literárias de todo o país. Aqui, publicamos seu discurso de posse. Assim, homenageamos não só ao escritor e poeta, mas todos os acadêmicos que participam dessa DF Letras.

1. A PRIMEIRA ACADEMIA

Aproximadamente há 380 anos a.C. nascia a Academia fundada por Platão, a primeira dessas organizações hoje tão popularizadas e florescidas mundo afora de forma tão democrática. Poucas, no entanto, relembram os ideais semeados e frutificados no jardim de Academus, em Atenas. Foi a primeira escola filosófica orientada no sentido da política. O método ali utilizado por um corpo docente de altíssimo nível era baseado no diálogo, no debate, na conversação livres, reinventando a prática de Sócrates, de quem o fundador da Academia, Platão, fora fiel discípulo e defensor. Foi a primeira escola de alto nível, gratuita, organizada por sábios com esse conteúdo de faculdade do saber, de que se tem notícia. E isto aconteceu como culminação de um processo todo especial. Após participar da batalha de Corinto, em 394 a.C., Platão viajou a Círene, à Itália Meridional e pelo Egito. Foi preso em Siracusa, por Dionísio, o tirano, por tentar influenciar no seu governo. Teria sido morto, não fora a intervenção de Dión e Aristodemo, que intercederam a seu favor. Colocado à venda como escravo, foi comprado por um amigo de Círene, Aniceris, que lhe restituíu a liberdade. Esse período durou dez anos, após o qual retornou a Atenas.

Atenas encontrava-se em ebulição com a democracia e as artes permeadas pelo urbanismo revolucionário de uma cidade com aproximadamente 2.700 km² e uma população de mais de 400 mil habitantes.

A política era o motor da obra de Platão e, consequentemente, a Academia não podia ser diferente. Diferentemente das escolas sofistas, ela não cobrava por seus serviços nem se assemelhava a uma

empresa comercial, mas a uma confraria, cuja alta finalidade seria, através do Estado, representar a idéia de justiça e atingir a formação do homem moral. Nela as pessoas deveriam descobrir, por si mesmas, os meios para solucionar e resolver os problemas, visando à preparação objetiva da aptidão política para dirigir as cidades.

A Academia era formada por um corpo docente constituído de pessoas inteligentes, honestas e altamente qualificadas em diversas formações: filósofos, cientistas, estrategistas, professores, escritores, dramaturgos, colecionadores, artistas. Nunca foi uma organização onde prevalecesse a categoria dos escritores. Mas a capacidade de expressão oral ou gráfica era uma característica que ressaltava entre seus membros. Predominava ali - e é o que queremos reivindicar para nós - a inteligência inteligente, ou seja, a sabedoria. Era a harmonia na expressão da palavra, não à custa do poder para dizer, mas na dignidade de expressá-la.

2. A NOSSA ACADEMIA

O que há de semelhanças e diferenças entre aquele espaço geográfico - Atenas - e o nosso quadrilátero do Distrito Federal? Será que os separam emblematicamente muitos anos reais no tempo ou apenas alguns milhares de quilômetros?

E a nossa Acrópole brasiliense será apenas uma Ágora?

Várias perguntas poderiam e deveriam ser respondidas pela ALDF, o nosso atual Jardim de Academus.

Se tomarmos como nosso patrono imortal, não casual, Platão, qual é a Academia que queremos? Por que seríamos diferentes da história de seu fundador e

Um jornal do presídio da Papuda

□ LUIS TURIBA

Veio a público o segundo número do jornal "Papo e Poesia", editado pelo poeta Manoel Gomes na Penitenciária da Papuda, o maior presídio do Distrito Federal. É uma iniciativa das mais louváveis na área da militância poética porque é fruto de alguns laboratórios de linguagens realizados dentro do presídio.

Segundo o editorial assinado por Manoel Gomes, "Papo e Poesia" foi lançado "sem nenhuma festa de publicação ou qualquer coquetel. A festa que agora comemoramos é de o jornal ter sido lido por mais de vinte pessoas".

Mulher desconhecida

*Djanira Pio

Ela chegou com laço de fitas em seus cabelos brancos. Muito feliz pela confiança que isso lhe conferiu, cumprimentou a todos com beijinhos amistosos.

Depois, achando que não empolgou como esperava, foi deixando sua energia ir escapando pelos poros.

Afinal, quando retirou-se, foi com passos lentos tão conhecidos, ombros caídos, cabeça baixa e passou invisível por todos. Desconsolada, com seus cabelos brancos presos pelo laço de fitas, como as asas de uma borboleta aquietada.

*Poetisa paulista.

A vida: assim ela é

Beatriz Dantas Barros - SP

Meu coração é um deserto, alimentado de um passado incerto, o presente me aprisiona, o estado das pessoas, caídas, subidas, a vida: assim como ela é.

Meu coração está tão quieto, esperando um futuro perto, personagens me emocionam, me descobrem, me namoram, convidam, incitam.

A vida: assim como ela é. Caídas, subidas, a vida: como ela é.

*O mais tinhoso inimigo
Dos regimes opressores
É da classe dos mendigos,
Tachados de "professores".*

LCM/2000

O negro no cárcere

*Manoel Gomes

Recebi a proposta de escrever uma matéria para um jornal local sobre o tema, mas fiquei com um pé atrás quanto à publicação de uma matéria dessa natureza. Não que eu não fosse capaz de escrever um artigo com esse direcionamento. Mas porque temia que as idéias por mim escritas pudessem vir a ser deturpadas.

Sabemos que seqüelas deixadas pela escravidão perturbam, até os dias atuais, os seres humanos de pele negra com a discriminação, que normalmente está implícita no sufrágio de um juízo mal formulado.

Não é realidade o que diz a máxima dos três pés. Que na prisão só há "pobres, putas e pretos". Que há uma totalidade de pobres, isso é verdade, mas não se pode concordar com a afirmação de que os pretos lotam as prisões.

Porque no Brasil não há uma maioria esmagadora de pretos e sim uma maioria de pobres. O que nunca se discutiu foram as penas dadas nos julgamentos em relação à cor da pele dos indivíduos julgados. É notório que um negro que cometa o mesmo crime de um branco nas mesmas circunstâncias receberá sempre, na hora de se aplicar a pena, uma reprimenda maior.

A cor negra é um fator agravante. Assim como, no cometimento de um crime de roubo, usar uma arma é agravante para a dosimetria penal, a cor negra também será sempre uma condição desfavorável para o infrator.

Portanto, no trâmite de um processo criminal, tanto os jurados como o juiz beneficiam-se desse fator para desbeneficiar um acusado de pele negra, condenando-o mesmo que as provas não sejam contundentes.

*Editor de "Papo e Poesia", escritor e poeta.

8♣ = 5:5 = 29



GRALHA



GRALHA
Danou-se a Gralha ralha
a Parca Velha da tesoura
enferrujada de gota saudade
ou então dum tiro d'escô
peta do Caramuru
em Paris com Paraguaçu

essas saúvas são verdes
brada o Tamanduá
na entrevista da televisão
gradual influência da mídia
até na poesia mais fina
comê-las quem há-de

4

31

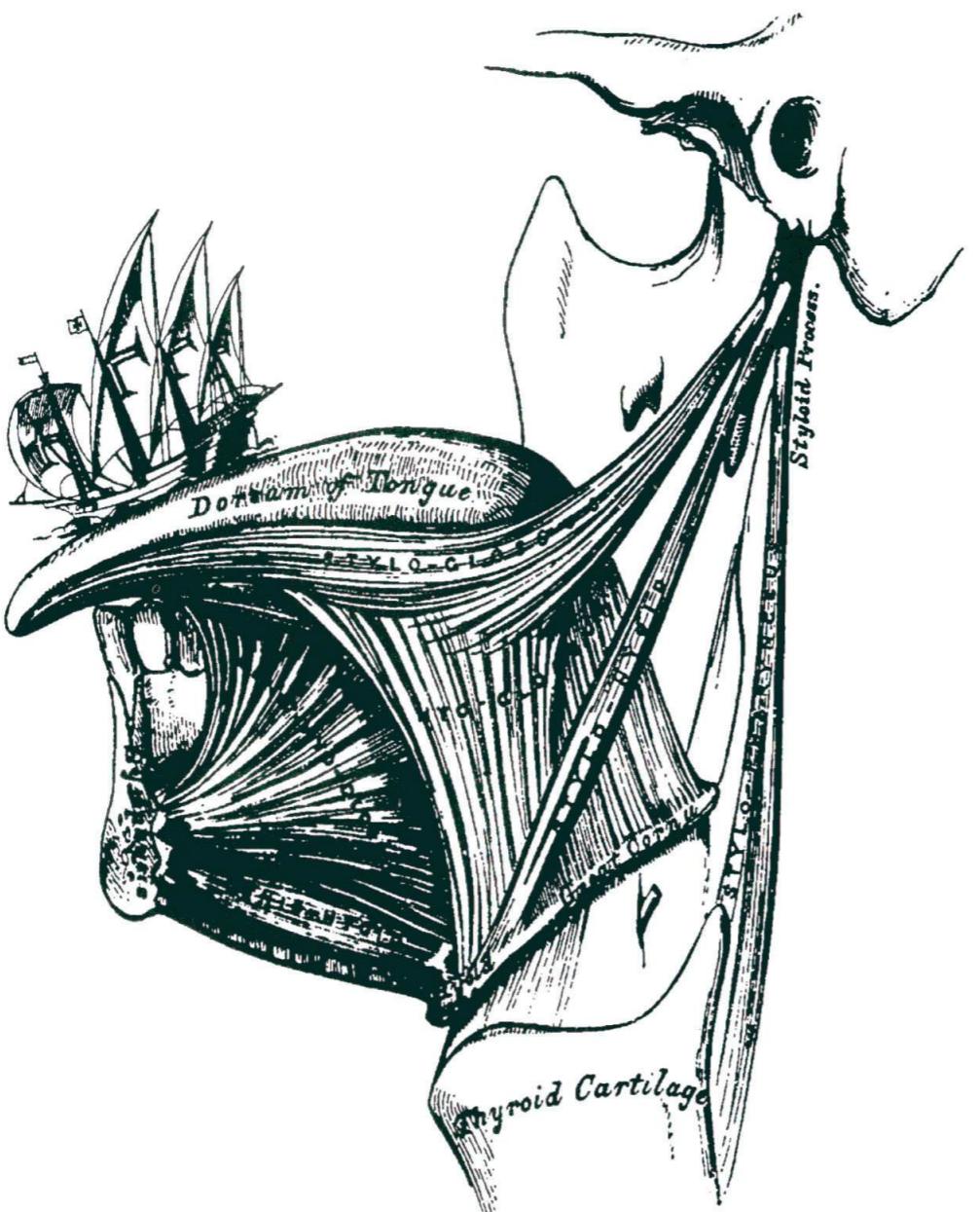
31 - IMPERADOR
P - Carranca

31 - IMPERADOR

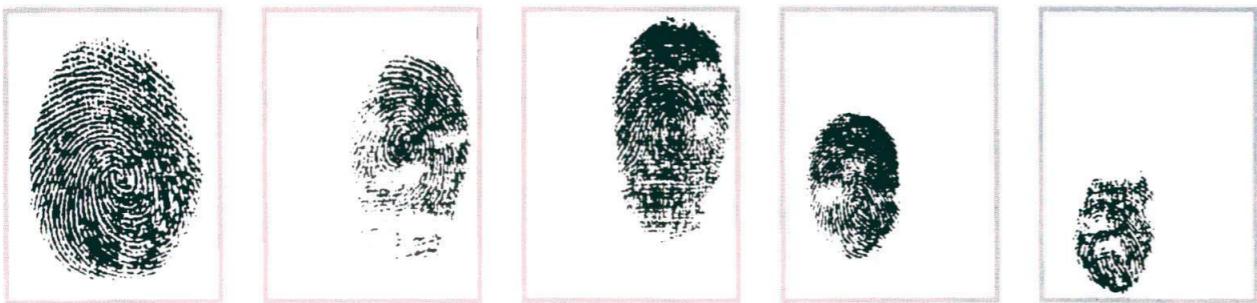
O Nosso Imperador
pensativo carrancudo
tem barbas de milho
chapéu de iôco
bengala de cana
só fuma charutão

da Bahia só bebe café
de Santos água mineral
cascatinha no futebol
São Cristóvão na encruzilhada
Xangô salve o Nosso o Nosso
Imperador sarava' sarava'

FICHA CRIMINAL



Resa & Turiba



dado da arte que mais costumeiramente produz o riso é o cômico, de tal forma que, grosso modo, pode-se afirmar que o cômico constitui o engraçado inserido na arte. Há, assim, uma significativa diferença entre o cômico e o engraçado, não quanto à propriedade de produzirem o riso, mas quanto ao seu modo de ser e de nascer, e quanto às suas implicações.

O engraçado, assim entendido, resulta de uma gama de fatos e de situações mais ou menos acidentais, vale dizer, não elaboradas ou não veiculadas como arte ou por meio artístico,

e detém poucas chances de se perpetuar e de ser visto por multidões, de atingir ao público, mesmo quando incorpora grande potencial detonador do riso. O engraçado surge e ressurge, aqui e ali, produzindo o riso avulso e podendo fortuitamente ser contado ou mostrado mais adiante, gerando novos risos.

Já o cômico é uma categoria que necessariamente origina-se de uma intenção, de uma manipulação técnica de elementos que podem fazer rir e que são colocados numa determinada obra com um

propósito consciente e sob a presunção de que são eficientes para satisfazer àquele propósito. O cômico, portanto, se predispõe automaticamente a responder a um juízo, seja enquanto cômico, simplesmente – vale dizer, enquanto artifício concebido inteligente e eficazmente de modo a suscitar o riso –, seja enquanto instrumento suscetível de se posicionar favorável ou contrariamente a determinada ideologia ou crença, ou suscetível de negar ou afirmar determinados valores morais. (*Língua hilare língua*, pp. 47, 48 e 49)

CONCLUSÕES

Identificar os grandes fatores que se associam para potencializar em uma obra de arte o caráter cômico requer, como já vimos, um suporte multidisciplinar. Um pouco de filosofia aqui, um pouco de psicologia ali... Quando a obra de arte é literária, é construída por meio desse emprego artístico do signo verbal, a abordagem do cômico implica também, obviamente, o suporte das disciplinas que estudam a palavra, dos diversos ramos da semiologia, da lingüística, da teoria da literatura.

Uma gama de elementos menores, muitos dos quais já definidos ou taxionomizados pela estilística, como os trocadilhos, concorrem freqüentemente para o efeito cômico e são quase sempre ligados à ironia cômica. Outros elementos, como os neologismos, embora ligados a fenômenos não tradicionalmente cômicos, vez por outra também valem como recursos cômicos – e isso é facilmente demonstrável.

Em *Língua hilare língua*, pretendemos lidar com aqueles “grandes fatores” do cômico, com as estruturas que concorrem para tornar cômica uma obra literária. Assim é que, com Bakhtin, identificamos o gênero do discurso como um desses fatores e que, a partir dos conceitos de “função estética da língua” e de “denominação poética”, formulados por Jan Mukarovsky em *Estética e semiótica da arte*, introduzimos a noção de “função humorística da língua” e criamos o conceito de “opacificação cômica da língua”, atribuindo-lhes esse caráter de estruturadores teóricos do cômico verbal.

O conceito de “opacificação cômica da língua”, que considero minha principal contribuição à teoria do cômico, curiosamente nasce a partir da teoria da linguagem poética, da idéia de “opacidade” dos signos

poéticos, entendida essa opacidade como transgressões, deliberadas e significativas, às regras dos códigos lingüísticos.

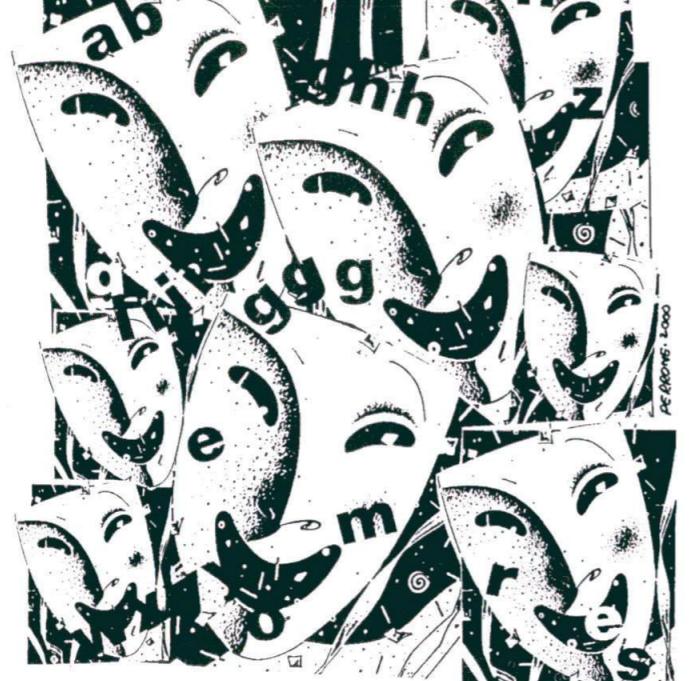
Dito em rápidas palavras, a opacificação cômica é a transgressão às normas da língua, cometida para causar o riso.

Apontei, assim, uma vizinhança entre poesia e humorismo: aquelas “travessuras” que os poetas fazem com a língua, os humoristas (ou romancistas como José Cândido de Carvalho) as fazem similarmente. Aqueles, no entanto, buscam exprimir primacialmente a graça do espírito e estes, o espírito (humor) e a graça; aqueles buscam gerar no leitor primacialmente o êxtase estético e estes, a gargalhada. Duas espécies de fruição, de prazer: uma tradicionalmente bendita e outra tradicionalmente maldita. Ambas, porém, humanas e ... (se quiser saber por que leia o livro) divinas – hoje podemos dizer.

Sugeri, enfim, que o humorista, sobretudo o que faz humor com palavras, no seu ofício de reverter perspectivas – porque o humor é fundamentalmente a modalidade de pensar especializada em ver/mostrar o outro lado – é o parceiro gaiato do poeta... e do sábio.

Minha obra é essa aí, que, circunstancialmente, teve o privilégio de, antes de vir a público, passar pelo crivo e a aprovação de duas dotas comissões: uma examinadora (a banca do mestrado da UnB que apreciou o texto ainda na forma de dissertação) e outra seletiva (a comissão julgadora do concurso *Bolsa Brasília de Produção Literária*). Resta esperar agora que o público, que tem o mais sábio e o mais definitivo dos julgamentos, também a aprove.

festejada, encontra-se (esta é minha opinião) em grau de importância equivalente ao de *Grande sertão, veredas*, de Guimarães Rosa, *Macunaíma*, de Mário de Andrade e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, por exemplo. E foi fazendo uma análise literária do Coronel, da sua língua inventiva, neologísmica, que eu entrei para o grupinho dos teóricos do riso e do cômico.



3. Estrutura

Língua hilare língua é composto de dois grandes capítulos. No primeiro, "Do riso e da teoria do cômico", investigo as origens do riso, traço paralelos entre o riso e algumas dimensões do sério (sua contraparte) e da realidade, além de situá-lo na linguagem verbal e nas dimensões da arte e da literatura. No segundo, "A verbalização cômica em *O coronel e o lobisomem*", faço uma 'dissecção' do discurso do coronel Ponciano, sobretudo quanto ao que ele oferece de risível. Ao longo dos capítulos, procuro situar a obra de José Cândido no gênero do discurso cômico e demonstrar o conceito criado por mim de "opacificação cômica da língua", evidenciando a ocorrência da aplicação dessa opacificação, como técnica humorística, no discurso do coronel.

4. Deixas

Um fenômeno como o riso, embora aparentemente simples, não se pode ter a pretensão de tratá-lo em todas as suas dimensões, de exauri-lo, em um ensaio. Entre os aspectos importantes que deliberadamente toquei apenas de leve, encontram-se as possibilidades semióticas do riso.

Desenvolver esse tema implicaria não só alargar a abordagem da área das linguagens, incluindo linguagens não-verbais e não-artisticas, mas

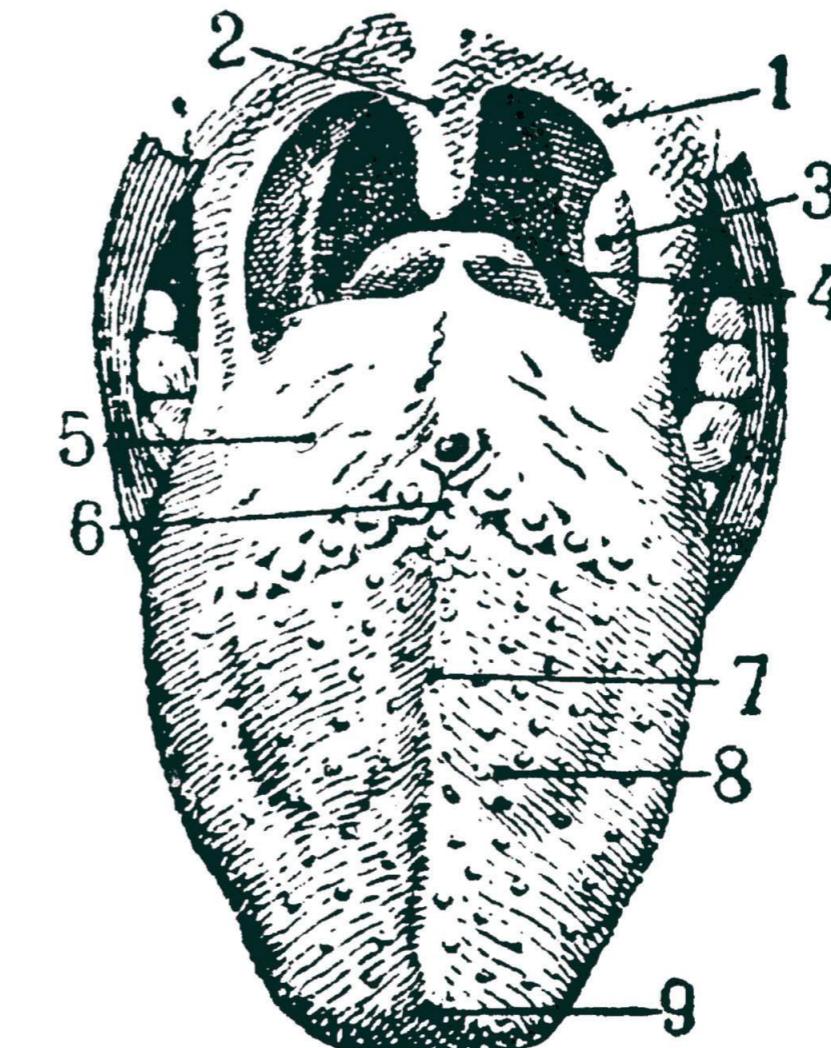
5. Riso e arte

Outros aspectos do riso, embora apenas propedêuticos, demandaram uma abordagem mais que *en passant*. Uma resposta à pergunta "Como se situa o riso na arte?", por exemplo, tornou-se inalienável, não suprimível. Essa resposta, em síntese, encontra-se nos parágrafos seguintes do item 3.1: *O riso na arte e na realidade*:

Os eventos da arte, assim como os eventos da realidade, têm a propriedade de produzir virtualmente sentimentos e emoções nos seres humanos. Nem todos os sentimentos e emoções, entretanto, produzem no corpo efeitos visíveis ou evidentes, embora muitos desses efeitos sejam amplamente registrados e conhecidos, como é o caso das mudanças de temperatura do corpo; da produção de suores, inclusive frios; do enrubescimento; das alterações da pulsação ou dos batimentos cardíacos; do "aperto no coração"; do "nó na garganta"; do "frio na barriga" ou na coluna vertebral; dos arrepios; do enrijecimento muscular; do aperto no esfíncter; da secura na boca; da vertigem; e de outras tantas pequenas ou grandes sensações nos dentes, na planta dos pés, no bico do peito, no osso esterno, nas unhas, etc. Todos esses fenômenos ocorrem quase que imperceptivelmente, pelo menos para quem se situa do lado de fora deles, na posição de eventual espectador, e por isso podem ser desprezados como sinais do que quer que seja (medo, raiva, ansiedade, vergonha, alegria, etc.).

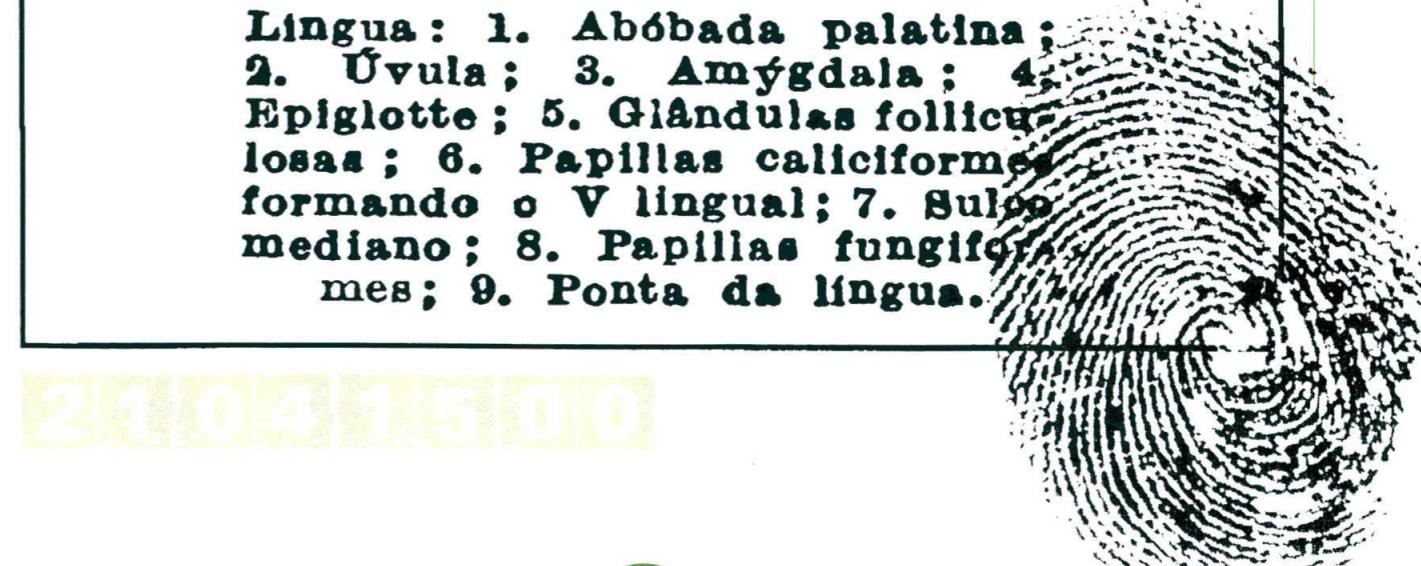
O dado da realidade que mais costumeiramente produz o riso é o engraçado, assim como o

Nome: Língua Brasileira



Língua: 1. Abóbada palatina; 2. Úvula; 3. Amígdala; 4. Epiglote; 5. Glândulas folículosas; 6. Papilas caliciformes formando o V lingual; 7. Sulco mediano; 8. Papilas fungiformes; 9. Ponta da língua.

EDUCAÇÃO
CULTURA
ESPORTE



Uma Caçadora de palavras

MARGARIDA PATRIOTA



□ **daniborges**

Especial para a DF LETRAS

Ela é uma escritora que circula e faz circular. Entre autores, palavras, textos, livros, poesias, lá está ela. Além de escrever livros para o público jovem – para ela “os romances que marcam são aqueles que lemos na juventude” –, Margarida Patriota é também conhecida no mundo da literatura – e não somente –, como a apresentadora do programa Autores e Livros, que vai ao ar semanalmente pela Rádio Senado. Por lá, já passaram mais de 100 autores. Entre eles, José Mindlin, Ziraldo, João Ubaldo Ribeiro, Lygia Bojunga, Cassiano Nunes, Rachel de Queiroz, e muitos outros. Também já foram produzidos mais de 25 programas literários temáticos. Professora de Teoria Literária da Universidade de Brasília, Margarida faz parte da Academia Brasiliense de Letras (ocupa a cadeira 37) cujo patrono é o poeta parnasiano Raimundo Correia.

Mas ela transcende a tudo isso. Muitas palavras



LÍNGUA HÍLARE LÍNGUA,
de José Afonso de Sousa Camboim – Bárbara Bela Editora/Gráfica, 176 páginas. Preço: R\$ 20,00. À venda na Livraria do Chico, UnB – ICC – Ala Norte, na Livraria da Editora Universidade de Brasília, na Siciliano ou com o autor, tel.: 61 345-1997.



Língua Hílare Língua

Para analisar um personagem-narrador construído fundamentalmente por uma verbalização insólita e engraçada (o coronel Ponciano, de José Cândido de Carvalho), Afonso Camboim, mestre em Teoria Literária pela Universidade de Brasília, revisita e reconstrói elementos de uma teoria do cômico na literatura, investigando a combinação de componentes lingüísticos tecnicamente empregados em função do riso. A obra, que, conforme a apresentação de Lígia Cademartori, “associa seriedade e humor, leveza e profundidade”, é vencedora do prêmio Bolsa Brasília de Produção Literária/98, da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, e foi editada e lançada por essa secretaria em abril de 2000.

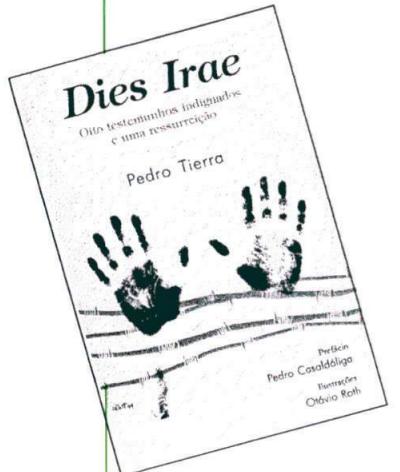
□ AFONSO CAMBOIM

1. Por quê?

Certa vez me perguntaram por que resolvi escrever sobre o riso, fazer um ensaio sobre algo tão natural e espontâneo: “Você quer explicar o riso? – Perde a graça.” Não, não perde. E quem vai explicá-lo? Eu queria ter a graça de explicar, mas o que é essencial, como a vida, o amor, não tem explicação. Acho que fiz o ensaio porque gosto de encarar o desafio de pensar sobre o que normalmente se faz sem pensar.

2. O coronel

Na arte em geral, grandes artistas se notabilizam pela habilidade em fazer rir com palavras. Na arte literária, particularmente, inúmeros personagens têm no riso que despertam sua principal razão de ser. Este é o caso do coronel Ponciano de Azeredo Furtado, de *O coronel e o lobisomem*, obra de José Cândido de Carvalho que, embora não tão propalada e

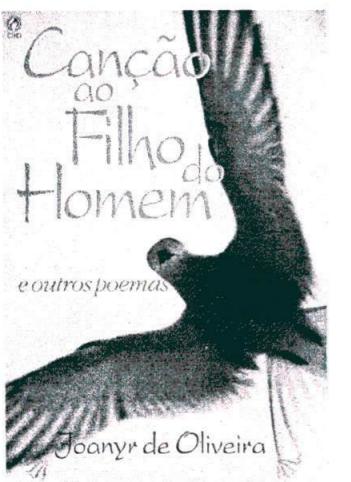


Dies Irae
(Oito testemunhos indignados e uma ressurreição)

Pedro Tierra

Editora: Gráfica e Editora GS-4 Ltda

A poesia-protesto de Pedro Tierra, autor que veio da cidade de Porto Nacional, no Tocantins, está presente em mais esse livro. Com prefácio de Pedro Casaldáliga e desenho de capa e ilustrações de Otávio Roth, o livro comporta textos como A pedagogia dos Aços: Candelária/ Carandiru/ Corumbiara/ Eldorado dos Carajás/ A pedagogia dos Aços/golpeia no corpo/essa atroz geografia...

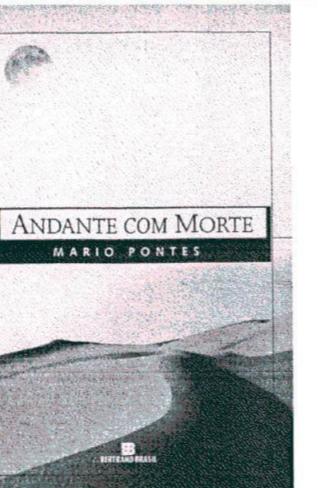


Canção do Filho do Homem e outros poemas

Joanyr de Oliveira

Editora: CPAD

Joanyr de Oliveira é um dos mais respeitados poetas cristãos da língua portuguesa. Em *Canção do Filho do Homem* mostra, mais uma vez, um trabalho de qualidade, com momentos ricos de bela poesia, que podem ser percebidos em trechos como estes do poema Despedida: "Pelas portas de janeiro / minh'alma voa tão leve / a beijar os sóis e os arcanjos,...". Joanyr já foi homenageado por nomes como Carlos Drummond de Andrade e Antônio Houaiss.



Andante com Morte

Mário Pontes

Editora: Bertrand Brasil

No livro, o escritor e jornalista cearense Mário Pontes reuniu quatro novelas: Morte Infinita, Sentinela da noite, A engrenagem universal, A Nova Rota da Seda. Uma delas, Morte Infinita, foi traduzida em francês, por Carlos Didier, tradutor francês da obra de Carlos Drummond de Andrade.



A insônia dos grilos

Jorge Tuffic

Editora: Editora Gráfica LCR

São poemas circunstanciais, ou seja, escritos em bares ou em momentos de grande descontração. Dos guardanapos foram revistos, reestruturados para compor mais esse livro do escritor cearense.

Da Paulicéia à Centopéia desvairada
(As vanguardas e a MPB)

Sylvia Cytrão

e Xico Alves Gabriel Nascente

Editora: Elo

O livro é uma análise literária da música brasileira dos anos 60, 70 e 80, principalmente. O livro traz ainda reflexões de Oswaldo Montenegro, em entrevista concedida a Sylvia Cytrão. O registro da vida privada do Brasil daquela época fica por conta de Xico Alves.



E-mail:
df-letras@cl.df.gov.br



DF LETRAS

poderiam fazer entender a mulher Patriota: mulher, mãe, escritora, acadêmica, brasileira. Mas basta uma, um vocabulário apenas, e Margarida pode ser conhecida na essência. A palavra? Ora, palavra.

É pelo amor a ela, a palavra, que Margarida dedica-se a saber quem é quem no mundo dos livros. Por isso, ser entrevistado pela escritora é sinônimo de estar "bem encaminhado" nas Letras. Doutora em Literatura Francesa pela Universidade da Colúmbia Britânica, no Canadá, Margarida tornou-se uma caçadora de palavras: "Estou sempre procurando palavras, sempre que escuto uma que me chama a atenção, anoto."

Mas nem sempre foi assim. Na infância e adolescência Margarida queria ser pintora; sempre besuntada de tinta óleo, vivia fazendo arte: brigou na escola, fugiu de casa, foi traquina. Até que - por algo que nem ela sabe explicar ao certo - resolveu trocar o pincel pela pena, a tinta pelo verbo, a figura pela palavra. Como nunca perdeu o contato com a arte - foi casada por 11 anos com um colecionador de arte - pode-se dizer que Margarida escreve quadros. A escritora sonha em se aposentar e "quem sabe" dedicar-se a pintura, embora a apresentadora sempre diga: "A literatura me preenche completamente". Aliás, no seu último livro, o romance *Meu pai vive de Arte*, o personagem principal é o artista plástico Luís Bérgamo e o narrador é o filho dele, Salviano, um aspirante a escritor. Um vive de arte, o outro sonha viver de escrever. O livro ganhou o 1º lugar, em 1988, na categoria romance inédito, no concurso do Instituto Nacional do Livro - INL.

Hoje, o seu companheiro - como a própria Margarida gosta de dizer - é um colecionador de palavras; Joaquim Campelo Marques é o que poderíamos chamar de o dono do verbo. Foi a ele que Aurélio Buarque de Holanda Ferreira legou a missão de manter atualizado o clássico dicionário da Língua Portuguesa: o Aurélio.

Na entrevista que segue Margarida vai além da sua experiência profissional. É uma conversa em que a escritora solta a palavra para falar de suas origens, das traquinagens de criança, da vivência em outros países, de sua vida de escritora, de professora da Universidade de Brasília, das crises de criação, da escritora, da apresentadora, da Margarida mulher. Afinal, esta foi, sem dúvida, uma conversa feminina.

DF LETRAS - Vamos começar falando do seu nome. Patriota é muito forte. Combinado com Margarida, um nome de flor, fica muito bonito. É pseudônimo ou nome de família?

Margarida Patriota - A lenda da família diz que a origem do sobrenome Patriota remonta à Guerra do Paraguai. Vem do interior do sertão, do sertão foi para o litoral. Há Patriotas em São José do Egito (interior de Pernambuco), os repentistas. Há inclusive um deputado federal com esse sobrenome: Gonzaga Patriota. O meu pai é do Rio Grande do Norte, de uma praia, na esquina

Até os 15 anos não tive a menor preocupação quanto a estudo ou idéias.

Fazia arte e brincava. Fugi de casa uma vez, fui expulsa do colégio por brigar com outra garota. Teve até polícia.

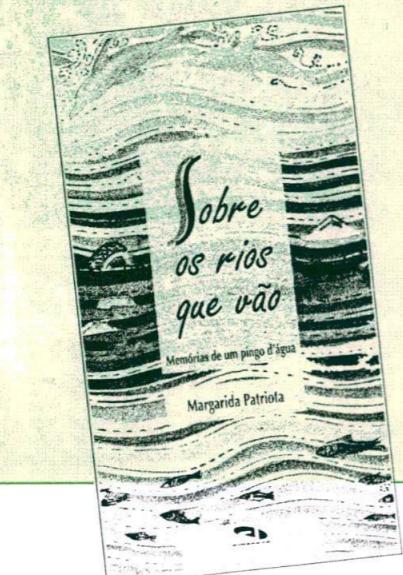
onde o Brasil dobra; há vários Patriotas lá. Sem dúvida, Patriota surgiu na mesma época de sobrenomes como Brasil, Bandeira e Índio do Brasil. A minha mãe é fluminense.

Quer dizer que seu nome vem de uma lenda?

De acordo com a lenda, o meu tataravô, ao voltar da Guerra do

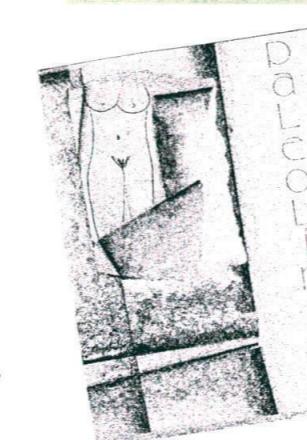
Aobra de Margarida Patriota é marcada pela literatura direcionada ao público infanto-juvenil. Entre os principais livros destacam-se: Sobre os rios que vão, Memórias de um pingo d'água e Viagem à terra do Brasil, uma adaptação de Margarida ao texto de Jean de Léry. Mas o público adulto também tem espaço nas histórias criadas pela apresentadora - um exemplo é o seu último livro:

Meu pai vive de Arte.



A senhora é mãe, escritora, acadêmica, apresentadora de um programa de rádio, intelectual, mulher... Qual é a visão que Margarida Patriota tem de Margarida Patriota?

Tenho um sentimento arraigado de ter nascido para as artes, de ser artista. Em criança nunca revelei, não tive um pendor específico para as letras, nunca me destaquei em redações do colégio e nunca escrevia diários. Me destaquei, sim, pelo desenho. Eu pensei que seria pintora. Cheguei até a fazer pré-vestibular para ingressar no curso de Belas Artes. Foi uma época em que eu saía de manhã e praticamente pintava o dia inteiro. Vivia besuntada de tinta óleo. Mas, ao mesmo tempo, eu não sei... Foi assim, na adolescência, que tive aquele chamado. Não sei por



Paleolírica
Angélica Torres

Sem a preocupação com a metrificação dos versos, a jornalista Angélica Torres cria o seu próprio ritmo em *Paleolírica*. No livro, a autora fala do inesgotável tema o amor e seus desencontros: "Dos amores que tive/fiz os deuses-príncipes / dos sonhos / Habitantes de estradas / às sombras dos flamboiaiás" também faz críticas a Caetano, por exemplo: "Se lembra? / Choramos juntos / a morte de Lennon / entre a Barra e o Jardim de Alá (...)" E considera: "se vaso ruim não quebra, / vitória sua, meu irmão / Infeliz de quem ficou". A autenticidade da autora não pára aí. Nas primeiras páginas do livro, um protesto curioso: "Proibida a comercialização e distribuição nos países que apóiam o covarde bloqueio econômico a Cuba, até a sua revogação." Bill Clinton que se cuide!

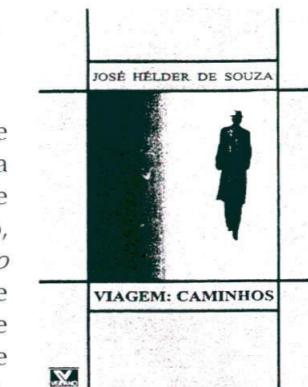
Na micropiscina da lágrima feliz

Menezes y Morais

Menezes y Morais fez estréia literária em 1975 com *Laranja partida ao meio*, poesia. *Na micropiscina da lágrima feliz* é o seu nono livro. Reúne 74 poemas de temáticas variadas (social, filosófica, estética) e homenageia poetas vivos ou mortos com verbetes biográficos. O livro pode ser adquirido pelo telefone (61) 9973-1470 ou pelo e-mail: menezesymorais@bol.com.br.

Viagem: Caminhos

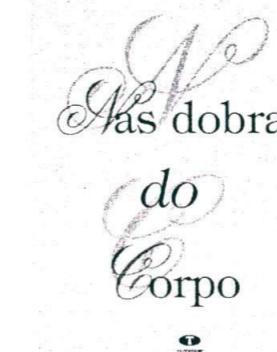
José Hélder de Souza
Editora: Verano



Depois de nove anos de silêncio, José Hélder retoma o caminho da publicação de novos poemas. Neste livro, o autor de *Relvas do Planalto* mostra uma poesia de espírito livre e ousado, que trabalha com elementos de uma linguagem telúrica, quase barroca, contudo revestida de textura verbal moderna e despojada, sempre fiel ao estilo do autor.

Nas dobras do corpo

Marlene Henrique

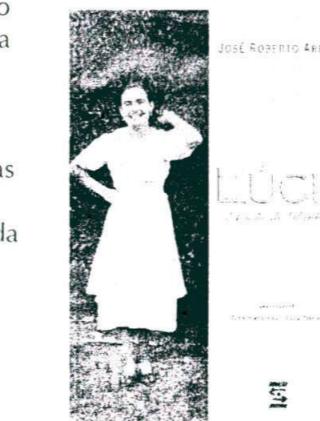


Marlene Henrique
Editora: Thesaurus

Marlene Henrique difunde em sua poesia as dimensões alegóricas. Seus poemas dão consistência às venturas do erotismo, às alegorias da sensualidade e aos vários paradoxos da mulher. A autora procura o próprio ego no meio do horror e do individualismo contemporâneos.

Lúcia, a mãe de Glauber

José Roberto Arruda
Editora: Geração Editorial



Neste livro, José Roberto Arruda tira das sombras e insere na história de nosso país uma personagem que o Brasil não podia desconhecer: Lúcia Rocha, a mãe de Glauber Rocha, com sua vida que mais parece ficção. Apresentação de Zuenir Ventura e Cacá Diegues.

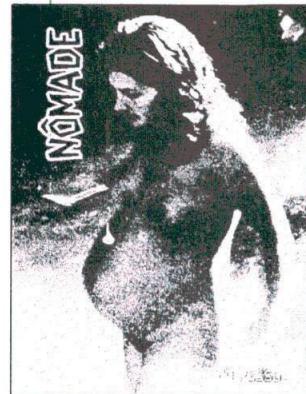


Foi na seca do 19

Lustosa da Costa
Editora: ABC Fortaleza

O livro de contos do jornalista e escritor Lustosa da Costa trata de forma independente todas as histórias ali contadas. No entanto, o autor tem a preocupação com a unidade estilística, temporal e geográfica dos textos. Em um dos contos, por exemplo, que dá o título ao livro, Lustosa da Costa conta de maneira bastante criativa a história sócio-política do Ceará, estado onde nasceu, a luta dos correligionários de vários partidos, seus heroísmos e hipocrisias, bem representados por personagens como Etelvino Soares, Olímpia Catingueira e Geminiano Pena.





Nômade

Jô Pessoa

Os versos de Jô Pessoa permitem um passeio pela Brasília mística, além de revelar sentimentos comuns à alma humana, como no poema À flor da pele: O sol / O vento / O corpo / A lenço d'alma / O amor / A sensibilidade / À flor da pele.



Quase Erótica

Paula Ziegler

No livro, a autora empresta os seus versos eróticos, para falar do amor e da fantasia em torno dele. A inspiração vem de Apolo, o deus da poesia. O livro é uma bela exaltação do masculino como objeto de desejo da mulher. Os acostumados a sempre serem os condutores da conquista, preparem-se!

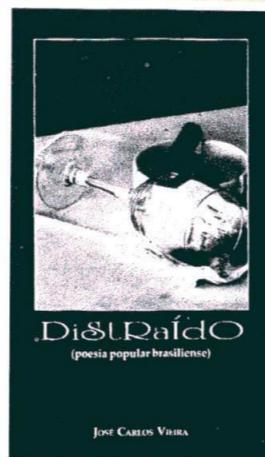


A festa de fim do mundo

Gerson Menezes

Editora: Thesaurus

Em *A festa de fim do mundo* o jornalista Gerson Menezes coloca os personagens (entre os quais ele próprio) para contar a história de pessoas que vivem o dia-a-dia comum a qualquer cidade de qualquer país, até que as notícias sobre o fim do mundo as levam a fazer um balanço das coisas boas e ruins, de onde se conclui que tudo deve acabar em festa. O livro pode ser encontrado no site da livraria Siciliano: www.siciliano.com.br ao preço de R\$ 12,30.



Distraído

(poesia popular brasiliense)

José Carlos Vieira

Editora: Stilo

O oitavo livro de José Carlos Vieira é marcado pelo texto curto, leve e fácil de ser digerido. O poema haiku é marca registrada no livro do jornalista e escritor, como em Modernismo: Borboleta/Invenção do poeta/ Que tem medo de voar. TT Catalão classifica o livro de José Carlos Dias, como "poemas de um gole só".



Eunice Soriano de Alencar
Editora: UnB

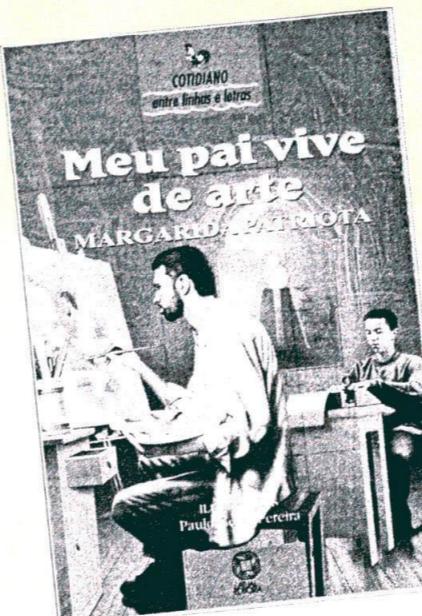
O livro analisa questões relativas ao processo criativo, enumerando elementos que interferem no desenvolvimento ou na inibição da criatividade. Na obra, a autora Eunice

Soriano de Alencar define as características da personalidade criativa e as técnicas adequadas ao seu aprimoramento. Eunice enfoca o uso - ou não uso - da criatividade dentro das organizações e da escola. O livro é uma releitura do processo criativo e uma reavaliação do espaço reservado a ele dentro das instituições. Preço: R\$ 12,42



Assis Coelho
(frases)

No livro, o autor procura mostrar a inquietude das pessoas em torno de seus problemas cotidianos, que, segundo ele, são "labirintos de vários matizes". Alguns dos personagens dos contos ou minicontos de Assis Coelho conseguem superar as dificuldades do dia-a-dia, outros fraquejam, ainda outros seguem em frente, indiferentes. Nada muito desigual da vida da maioria das pessoas. Assis Coelho é professor de Língua Inglesa da Fundação Educacional do Distrito Federal. Direitos autorais do autor. Fone: (61) 376-2196.



que, mas achei que diria algo mais com a palavra, com a literatura.

Depois disso a senhora deixou de pintar?

Isso é uma outra história. Eu fui deixando de pintar paulatinamente. Eu deixei decididamente quando... Bom, eu fui casada 11 anos com um advogado que era colecionador de artes e ele dizia: "Artista tem que ser profissional, tem que se dedicar". Então eu achei que não tinha feito aquela opção, a minha dedicação era voltada para as letras. Eu escrevia, escrevo. Alguns livros eu mesma ilustro. E eu queria mandar as minhas ilustrações para a editora. E ele dizia: "Não".

A senhora viveu uma crise de criação?

Ah, sem dúvida... Eu nasci em um



José Sarney e sua mulher Marly no lançamento do livro *Meu pai vive de Arte* no restaurante Carpe Diem, em Brasília

A senhora não ficou frustrada por deixar a pintura?

Não. A literatura me preenche em tudo, completamente. Foi realmente uma coisa resolvida na própria adolescência. Eu não teria me dedicado à literatura se não tivesse vivido muito cedo isso. Quando menina, não tive nenhum talento reconhecido para as Letras, ao passo que tive para a pintura. A literatura foi uma escolha muito minha, uma coisa que atinei que queria fazer. Posso dizer que isso nasceu da leitura.

Esse gosto pela leitura, de ser artista, é uma coisa de família?

Acho que de alguma forma. Minha mãe sempre falou dos antepassados, como a família Werneck, por exemplo. Ela era de uma família antiga do estado do Rio. Diferente do meu pai, que sempre passou a idéia de ter

nascido no nada. Eu conheci o Rio Grande do Norte há três anos. Nunca tinha ido lá, meu pai nunca falou da mãe dele, nunca falou do pai, nunca falou ... Eu descobri outro dia, pelo meu pai, que o pai dele trabalhava no cais, no porto, lá em Natal. Era um funcionário até modesto. Meu pai — mexendo em papéis e documentos antigos da família — descobriu em um desses registros profissionais da época a profissão do meu avô, estava lá: artista (risos). A gente vai descobrindo coisas. Eu tenho um tio, Nilson Patriota, que é da Academia Potiguar de Letras. É um jornalista conhecido lá em Natal; um outro também, Nelson. Então, fui me dando conta que na família só dá poeta.

Jornalista, poeta, escritor ...

É... (risos) No caso da família de minha mãe todo mundo é muito ligado a linguagem, a livros, por causa da minha avó. Me lembro dela, sempre materna, sempre declamando também. Só que o pai dela dizia que era para abafar aquilo: "Mulher não tinha nada que ser poeta". Então...

A senhora sempre diz em entrevistas que sua infância foi muito cheia, sem outra preocupação a não ser a de fazer arte...

Até quinze anos realmente não tive a menor preocupação quanto a estudo, idéias ou sei lá. Tinha uma segurança muito grande propiciada pela família. Fazia arte e depois brincava. Claro, vieram alguns problemas: fui de casa uma vez, fui suspensa do colégio — por incrível que pareça — por uma briga com outra garota.

Impressões...

Brasília

É uma cidade que oferece o que eu preciso, tem livros, não suficientes mas tem. Há um conforto, é uma cidade prática, diferente, e tem uma coisa que eu gosto muito: não tem quistas quatrocentões. Você conhece gente de tudo quanto é canto. Brasília tem a amostragem do país, é um microcosmo do Brasil. Isso torna a cidade interessante. Eu acho que é um lugar para ficar, se tá aqui é para ficar. Mas, sem dúvida alguma, é preciso contemplar a sua dimensão maior, isso aqui não pode mais ser visto somente como Plano Piloto. É um conjunto de dois milhões de habitantes! Está aí à volta. É Distrito Federal.

Brasil

Um país de luxo, miséria e beleza.

Livro de Cabeceira

Os grandes sonetos da língua portuguesa.

Literatura

Uma palavra grande mas que tem um sortilégio.

Autor

Monteiro Lobato, Balzac, Montaigne, Flaubert, Machado de Assis, Euclides da Cunha.

Música

Nossa melodia, nossos ritmos. Gosto muito da música norte-americana, de música clássica e da música negra — norte-americana ou brasileira — mais até do que da latina.

Filme

Os filmes da década de 40, os americanos: Dançando na chuva, Cidadão Kane, A volta ao mundo em 80 dias.

Personalidade

Joaquim Campelo Marques.

MST

Mais do que necessário, estava na hora.

FMI

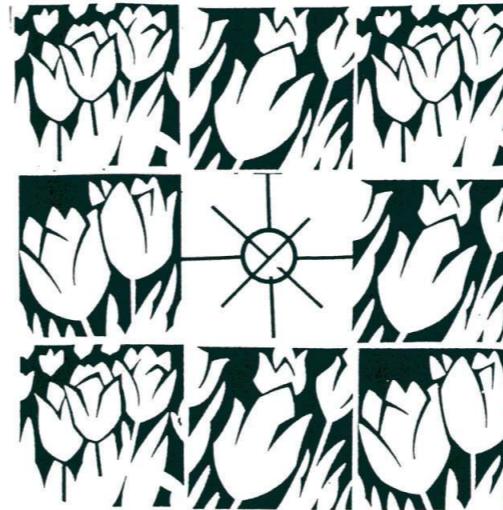
Pode ser contido e encarado de igual para igual. Não vejo porque não.

Autor Injustiçado

As autoras brasileiras. Por exemplo, a Lygia Bojunga, o que ela escreve sobre a criação literária é uma reflexão muito profunda. Mas essa pecha de que é para o público juvenil... Acontece que os grandes romances do mundo são para o público juvenil. Os livros que ficam são aqueles que a gente lê quando tem 16, 17 anos. Não há por que, por exemplo, a Ana Maria Machado não estar na ABL. Tem-se um bando de homens, medalhões, alguns operaram nariz, já fez não sei o quê, são médicos, e estão lá. Não sei por que, como. Outra injustiça é a Júlia Lopes de Almeida, uma grande romancista: como mulher não podia entrar na ABL, puseram o marido dela, o Belinto de Almeida.

Família

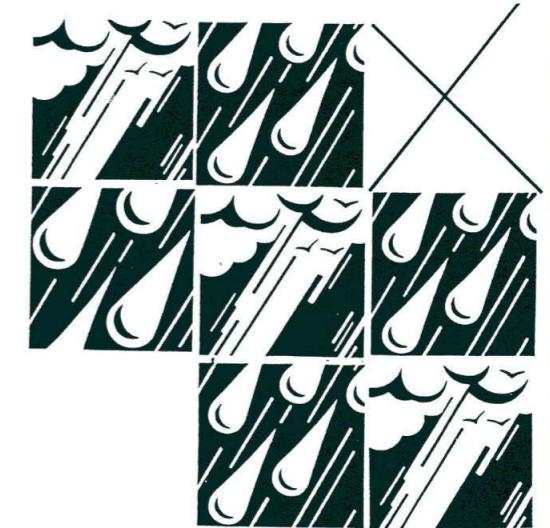
Um conceito muito importante para mim. Sou ligada à família, representa uma necessidade de



Noite Alta

Vivo porque sou líquido.
Se fosse sólido
morria.

SUMO



Passo através de você no mundo do espelho.
Você não percebe o momento de glória
desta paixão transparente.
Eu desvio seu olhar para o Nada.
Estamos quase perdidos.
Procuro retomar o rumo
a batida regular do coração.
Aposto que você também não conhece
o caminho mais curto para o abismo.
Que não cultiva o olfato
o instinto
com suficiente afinco.
Não sabe que nomes dou
às vozes que me procuram no âmago da noite.
Nem reconhece o instante de luz
no qual irão ranger todas as portas
e todas as camas da cidade irão gemer.

3 poemas

de Eudoro Augusto

FORGE TABU

Aquela música
aquela taça no final da tarde.
Uma foto com os olhos fechados.
O peso do nada e o fio da navalha.
A chave do romance.
Aquela parda memória
do próprio lance.
Um momento que ninguém lembra.
Um movimento na sombra.
Passa uma sílaba.
Uma ostra viaja pelo paladar
misturando o vinho com o vento e o mar.
Passa uma anta, um feriado, uma garça.
Passa um garçom ouvindo a conversa.
A imagem que eu queria de você
é justamente essa.
Língua, rasura, retrato.
Me dá que eu guardo.
Me dá que eu rasgo.



pertencer, seja à pátria, seja a um grupo pelo laço da afinidade, do temperamento, da amizade.

Os Três Poderes da República

Os três são elite e ainda não se conscientizaram de que o povo precisa ser uno. É preciso que se modifiquem urgentemente. Essa elite precisa ter orgulho em tratar com dignidade, em gostar do brasileiro – qualquer que seja – como irmão e considerar essa pessoa primordial: feio, pobre, mal-acabado, não importa. Os Três Poderes da República estão muito distanciados do povo.

Fernando Henrique Cardoso

Eu acho que ele passa a idéia de ter sido um esquerdista que não amedronta, ou seja, um esquerdista que pode ser esquerdista porque é elite. Ele tem o mesmo perfil de Tancredo (Neves), de (José) Sarney. Todos freqüentaram colégios particulares muito

caros, são intelectuais, elite. Essa diferença que ele tenta passar de um outro Brasil, um Brasil revolucionário, não é de todo verdade. Pelo menos, não da mesma maneira que seria com o Lula. Esse sim, para o bem ou para o mal – isso é outra questão – representa uma proposta realmente revolucionária. O Fernando Henrique tem uma boa presença – semelhante ao Collor –, uma boa estampa no exterior: fala línguas, é bem apessoado.

Ele continua sendo essa esquerda que não amedronta ninguém, nem o FMI e nem a Ordem Internacional, e nem os Três Poderes da República.

Margarida Patriota

Mulher, sem dúvida, feminista sim, escritora, brasileira. Não só brasileira de nascimento, mas por escolha, o que tem a ver com a própria conquista da escrita. O escrever é também uma opção que a gente faz de viver a nacionalidade.

Teve até polícia!
Então, eu realmente fazia arte!
(Risos.)

A sua infância
foi vivida no Rio
de Janeiro?

Até oito anos,
sim. Nasci e vivi
no Rio de Janeiro.
Depois fui para a
Suíça e passei três
anos lá, meu pai
era diplomata. E
depois um ano em
São Francisco, nos
EUA; foi quando
eu fui da escola.
Com 14 anos eu
fui para a América
Central, onde
fiquei um ano. De
volta ao Brasil, fiquei até os 19.
Depois fui para o Canadá,
onde fiz doutorado em
Literatura Francesa.

No seu último romance,
lançado na Bienal de São
Paulo, há muitas semelhanças
entre a senhora e Salviano –
o narrador de *Meu pai vive
de Arte*. Seria um auto-
retrato?

As maiores semelhanças
são com questões como a de
viver de arte. Tem uma relação
comigo, sim, mas de outra
fase. Também sou muito
ligada a família e uma coisa
que me impressiona muito é
uma criança que não tem pai,
não tem mãe. Eu tenho dois
filhos que não conhecem o
pai. Aí talvez até tenham
algumas semelhanças.

A senhora acha que a
família nos moldes tradi-
cionais se sustenta em uma
sociedade pós-moderna?

Eu respondo isso no livro.
Todo mundo precisa de uma

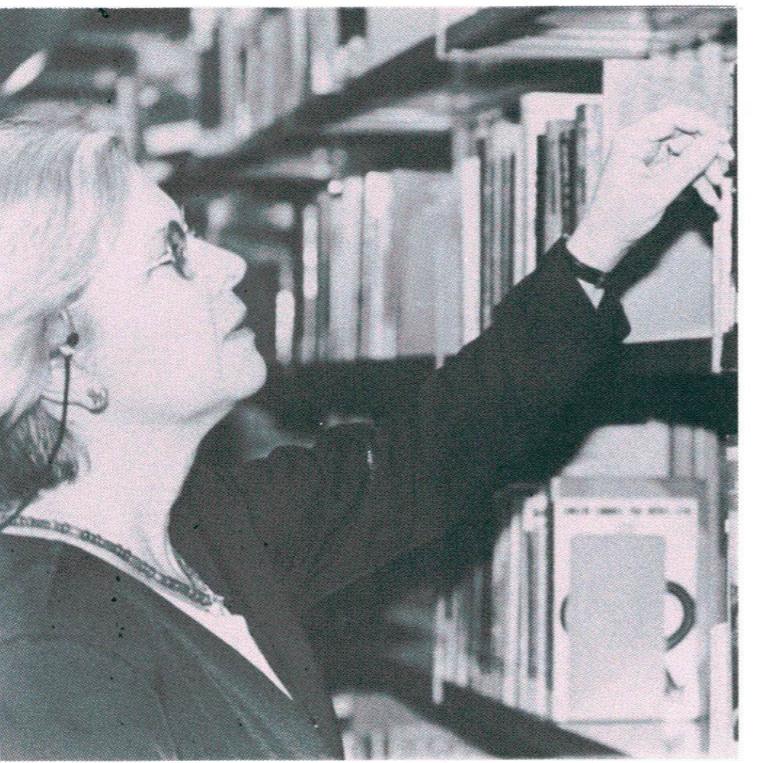
família e todo mundo busca isso, mas as formas, hoje, são muito mais variadas: você pertence a uma família de intelectuais, você pertence a um grupo ideológico, você pertence a um convento — não muito comum hoje em dia. No caso da família nuclear, o menos importante é você ser ou não formalmente casado, ter tido dois ou três ou quatro maridos, você ter filhos que não são seus. Tudo está muito mais elástico, muito mais flexível.

Esses tipos de relações influenciam de uma forma negativa ou positiva a vida de um artista? Muitos maridos, muitos filhos....

Acho que cada um é um. Eu li numa entrevista da Virgínia Wolf um conselho para jovens aspirantes a escritoras. Um conselho específico para mulheres. Ela diz: "Não tenha muitos filhos". Quando você põe gente no mundo tem de dar alguma cobertura, atenção, mas quando a gente precisa de tempo...é mais complicado ainda.

Aliás, como a senhora concilia seu tempo de mãe com o de escritora?

Nisso a minha opção pela literatura ajudou bastante, escrevo da manhã até à noite: lavando louça, na fila de banco, dentro do táxi. Já com o pincel, com a pintura, você tem que ter o seu espaço; no momento que aquilo te evoca, você tem que



“Todo mundo busca uma família, mas hoje as formas são muito mais variadas. O menos importante é você ser ou não formalmente casado, ter tido dois ou três ou quatro maridos, você ter filhos que não são seus. Tudo está muito mais elástico, mais flexível.”

largar tudo. É diferente...

Como muitos escritores a senhora também tem um caderninho de fazer anotações que mais tarde podem ser utilizados em alguma de suas obras?

Eu anoto tudo, mas depois eu não sei onde anotei (risos). O que eu anoto muito são palavras que por um motivo ou outro me

despertam a atenção. Eu não sei ler um livro sem riscar, só leio com um caderninho do lado pra poder ficar rabiscando, anotando palavras.

Como é a relação de um escritor com o mundo, as palavras, os sons?

Eu acho que é uma sensibilidade lingüística. É uma sensibilidade não só na observação — como fala Gabriel García Marquez. É olhar, reter e analisar. Isso ligado à palavra, porque

também esse processo poderia se traduzir em música ou pintura. Eu, por exemplo, me lembro das pessoas por palavras que me marcaram. Fui tratar de um problema no INSS, vinte anos atrás e daí eu me lembro de um funcionário que usou bem, com muita precisão, a palavra *crivo*; nunca me esqueci dele. Ligo pessoas a certas palavras. Não tenho o dom de improvisação, da oratória, por isso, tenho certeza de que escrevo, de certa maneira, porque quero ser perfeita no uso da linguagem e me sinto mais próxima disso, escrevendo.

Você tem um programa na Rádio Senado onde conversa com escritores. Como é fazer o Autores e Livros?

É um programa importante, gosto de fazê-lo: pelo amor ao livro, às letras, à palavra. O convite veio primeiro para o Campelo (companheiro de Margarida Patriota), que tem todas as credencias para fazer o programa. Ele me indicou e,

Brasília" se radica num tremendo "complexo" que Freud explica: a aversão pelo interior, o horror ao "mato", o desgosto e desprezo pela "roça". Drummond caricatuou, impiedoso, os "inocentes" (os alienados) do Leblon num poema famoso. Poderia também ter escrito sobre os "inocentes" de Ipanema, da Barra da Tijuca e de outras paragens paradisíacas cariocas. Esses hedonistas acham que os japoneses é que devem vir colonizar os "cerrados" do Centro-Oeste. Enquanto eles deitam na areia, bronzeiam os corpos e esquecem (cito Drummond), megalatufiários crucificam o povo brasileiro. Mas, para eles, os epicuristas, tudo bem.

Devido ao infeliz "complexo", os brasileiros, até hoje, não tomaram posse do seu território todo, de tamanho continental. Juscelino foi um herói, mormente porque enfrentou essa resistência preguiçosa e principalmente burra. Teme-se o estrangeiro, mas nada se faz para que o nosso povo chegue até às suas fronteiras. A Fundação Brasil-Central acabou. O Projeto Rondon acabou. Mas o rock e todos os enlatados norte-americanos — a cultura do lixo — dominam o país, do Oiapoque ao Chuí.

No entanto, nós estamos aqui, pioneiros até certo ponto, enfrentando as décadas calamitosas, fruto do latifúndio e da alienação, e não do pioneirismo dos irmãos Vilas-Boas, de Bernardo Sayão e dos que os seguiram. O Beirute é, entre outras coisas, um ponto dos que acreditam em Brasília, dos fiéis à mística de Brasília. É lugar modesto, onde não se fala em dólares. Não consta das "crônicas sociais". O Beirute, como Brasília, tem resistido às intempéries, à problemática dos tempos, à crise constitucional, estrutural, do Brasil. O povo brasileiro foi sempre explorado pelos proprietários da terra, pelos "donos do poder". Não foi Brasília que gerou essa situação horrível, que não mudou nem muda. Que está fazendo o resto do Brasil para que as coisas mudem?

Brasília sobreviveu porque constitui um posto indispensável para a continuidade da "Marcha para o Oeste" e a Amazônia — a tomada de posse do Brasil pelos próprios brasileiros. E o Beirute se justifica porque é o lugar ameno, de convívio, de confraternização, de distração

daqueles que chegaram até aqui, reagindo às tentações litorâneas, às regiões agradáveis do turismo.

O Beirute atende a todos os tipos de pessoas porque não é maniqueísta; é dialético. Sabe que a perfeição absoluta não existe e, se existir, será possivelmente chata. Além disso, plantado em cidade pioniera, o agradável recanto do quibe e do chopinho, criou um estilo também pioneiro. Reúne, congrega, sem classificar. Mas, nesse espaço limitado, os grupos vão-se formando, segundo seus próprios interesses. Há mesas em que se reúnem pessoas de qualidade intelectual, como o prof. Acioli, físico da UnB e cineasta amador, e o prof. Trajano, do Departamento de Antropologia da mesma universidade. Mas esses antigos habitués do Beirute não vão ali a fim de lecionar para os leigos, mas, sim, para repouso e entretenimento. Estudantes, jornalistas, publicitários, artistas, economistas, burocratas, todos vão ao lugar da cozinha árabe, que, fiel ao sincretismo brasileiro, é preparada por nordestinos, e, porventura, por mineiros. Nessa democracia global à Walt Whitman, os namorados tradicionais, como sambas-canções, avizinharam-se das "minorias eróticas". Um senhor idoso, solitário e distante, não se perturba pela vizinhança da turma jovem, barulhenta. Há tipos especiais, singulares, que são conhecidos no lugar, como o jovem beatnik que traz a cabeça envolvida por um lenço colorido, à maneira de pirata. Ele se acha presente em todas as manifestações artísticas da cidade. Chega a parecer ubíquo. O interesse pela arte é grande nesse recanto geralmente tranquilo. Apesar dos pesares — de tudo o que, na vida, é negativo e lamentável —, a maioria dos freqüentadores do Beirute, unidos aos que ali trabalham lealmente, animadamente, almejam viver com simplicidade e alegria. Em suma, dedicam-se ao aprendizado da arte de viver e desejam contribuir para que o Brasil seja um grande país, porém não só pelo tamanho, mas, também, pela qualidade do espírito laborioso, justiceiro, generoso.

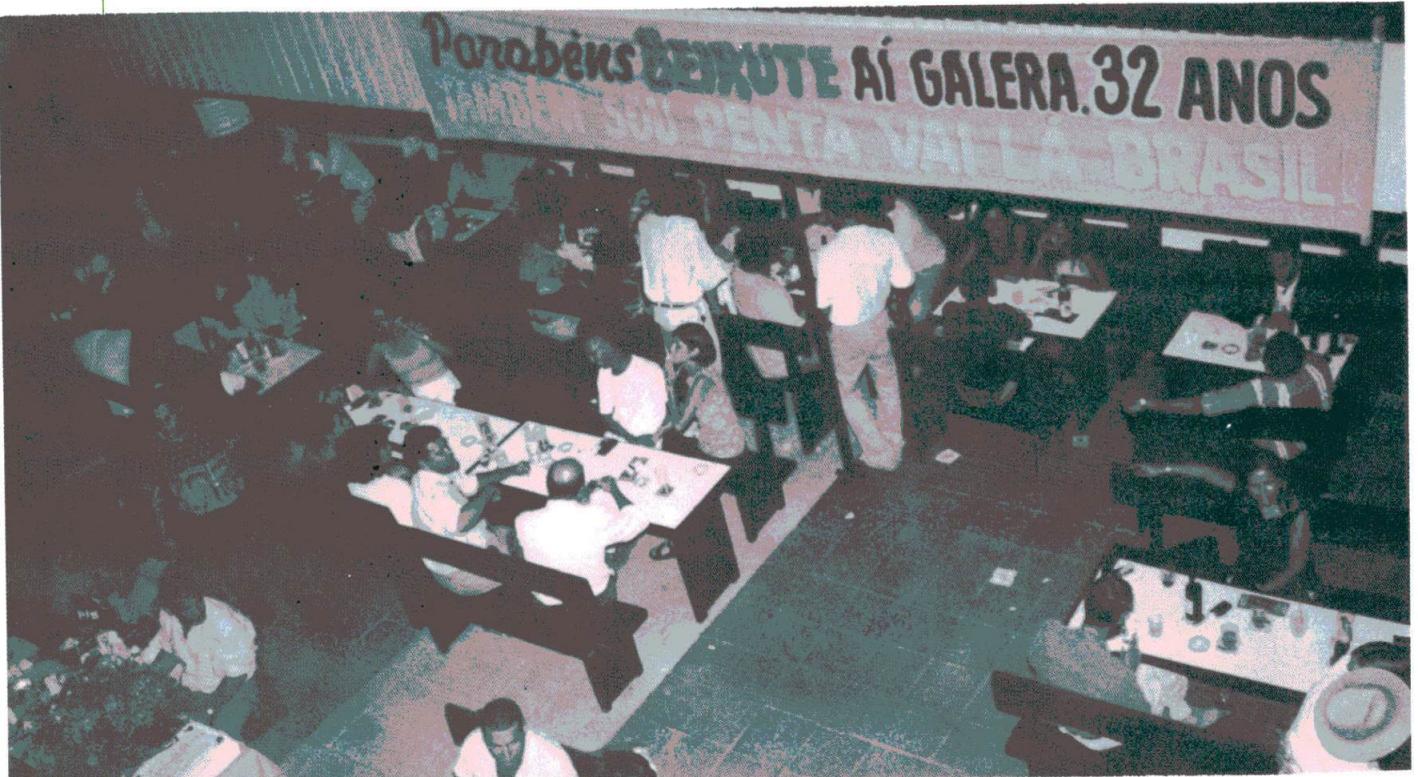
Fonseca, Fernando Oliveira, 1953 —
F676b Beirute, Final de Século.
Brasília, Coronário, 1994

284 p. ilust.

1. Brasília, DF — Bares e Restaurantes
2. Brasília, DF — História
3. Beirute (Bar) — História

I. Título
CDD: 647.9509817
981.7

Brasília e o Beirute



Uma Relação Amorosa

□ CASSIANO NUNES

É conhecida a observação de Mallarmé de que tudo existe no mundo para terminar em livro... Há muito de verdade nessa frase e tanto é assim que o próprio Beirute - o simpático bar-restaurante da 109 Sul - também acaba de originar um livro - livro de recordações, de saudades, de poesia. Igualmente, valerá o volume como documento histórico e tema para debate sociológico.

Deixar o Rio de Janeiro - esse paraíso cheio de euforia e humor (mas também de muita alienação!) - para enfrentar as tarefas freqüentemente ásperas do pioneirismo foi, quanto a muitos, dose para leão! Mas a verdade - e esta é uma teoria minha - é que o "ódio a

Aos que vêm as coisas mais superficialmente, o Beirute aparecerá como um oásis num deserto de solidão e de tédio: Brasília. Nenhuma cidade, no Brasil, foi, no passado, e é, no presente, tão malsinada como Brasília. É acusada de ter sido a causa de rompimento de cônjuges que tinham jurado só serem separados pela morte. Criou-se, até, uma denominação médica: "neurose de Brasília". E quem já não ouviu esse lugar-comum tolo de que Brasília não tem esquinas?... Brasília, de fato, gerou mudanças indesejadas para muitas famílias. Para elas, a quebra da rotina pode ter originado sérios distúrbios. A experiência de Brasília exigiu modificação de comportamento. Disto, não há dúvida.

quando me falou, topei na hora. Fiquei meio insegura, porque não sei improvisar, não sou uma oradora, não tinha experiência de rádio. Mas era preciso por exemplo falar de um (José) Mindlin. E isso, eu sei que domino. Sei o que tá acontecendo no país, quem é quem, os escritores, os livros. Acompanho, vivo isso.

A senhora é muito assediada por escritores que desejam ir ao programa, falar na rádio sobre o trabalho deles?

Qualquer personalidade, qualquer escritor quer divulgar a sua obra. Claro, alguns têm mais espaço que outros. Por outro lado, o jornalista também está atrás da notícia, também quer matéria... Há uma procura dos dois lados.

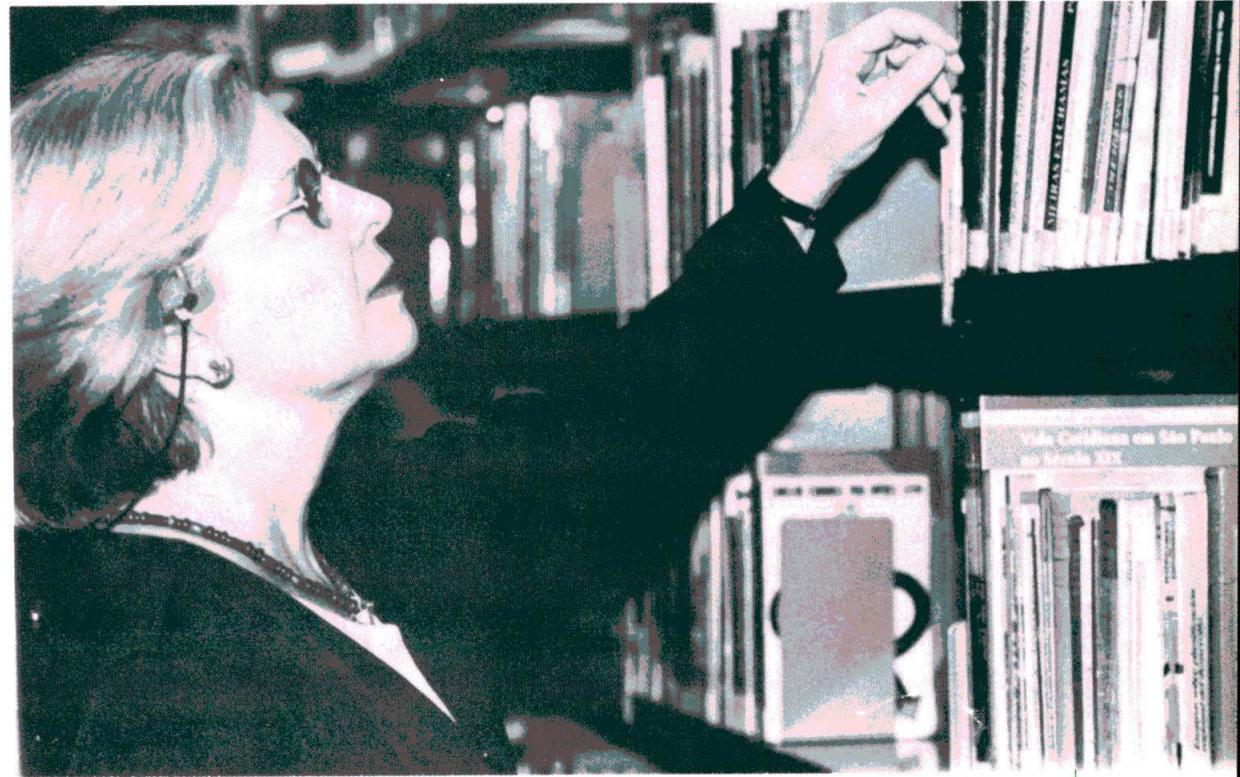
Isso não enche você de vaidade?

Não, não. Na verdade o que me deixa mais feliz é quando vou aos colégios e tem aquela fila de garotinhos querendo o meu autógrafo, me sinto mais do que Xuxa. Fico diante de uns cem meninos que pegam um papelzinho e pedem pra eu botar meu nome, me sinto realmente a Xuxa...

Quais foram as conversas mais interessantes que a senhora já teve no programa?

Essa é uma pergunta difícil. Nesse programa aprendi uma

"Escrevo da manhã até à noite: lavando louça, na fila de banco, dentro do táxi. Já com o pincel, com a pintura, você tem que ter o seu espaço, no momento que aquilo te evoca, você tem que largar tudo. É diferente..."



Cantiga das Mães

Fruto quando amadurece

Cai das árvores no chão

E filho depois que cresce

Não é mais da gente não

Eu tive cinco filhinhos

E, hoje sozinha estou

Não foi a morte, não foi

Foi, foi a vida que me roubou

Jacinta Passos

trevistados, mas alguns cederam, como o João Ubaldo (Ribeiro), a Lygia Bojunga, o Ziraldo. Agora, dentro do estúdio, posso dizer que muitos - agora em retrospecto - revelaram coisas que depois vieram à imprensa. Como o Zuenir Ventura, quando falou do seu livro *Inveja - um mal secreto*. Ele me deu muitas informações antes mesmo do livro ser publicado, falou de uma série de projetos literários, uma série de revelações que, se a gente for analisar, seriam furos jornalísticos - vieram ao programa, antes da divulgação pela grande imprensa.

Quem a senhora ainda não entrevistou e que gostaria de entrevistar?

Há muitos que eu desejaria, mas ainda não tivemos a oportunidade. Algumas pessoas eu sei que não dão entrevista, como o Rubem Fonseca. Uma das vitórias que eu tive foi da Lygia Bojunga. No primeiro contato ela foi muito franca, não quis - inclusive menciono isso na própria entrevista. Mas depois tive um contato maior com ela, quando participamos de uma mesa de trabalho sobre a Ana Maria Machado. E ela ficou sabendo melhor quem eu era e, na ocasião, mexi assim num pontinho essencial. E, quando ela veio com a história de "por telefone não, rádio não", eu disse: "Você está esquecida de seus tempos de rádio?" Ela começou como radialista. A Lygia acha que todo mundo dá entrevista demais, fala demais e que a palavra se barateia. Concordo com tudo isso, mas às vezes a pessoa que lê um livro só quer ouvir um som, a voz do autor. É como se houvesse uma aura ligada àquela pessoa que escreveu o livro. Depois desses argumentos, ela

"Vivia besuntada de tinta óleo, mas achei, não sei por que, que diria algo mais com a palavra, com a literatura "

concordou em dar entrevista.

Desde que o escritor português José Saramago ganhou o Nobel de Literatura, há uma onda lusofônica no mundo... É um bom sinal para o futuro da língua portuguesa?

A minha ligação com a língua portuguesa é visceral. Eu não só vejo futuro para a nossa língua, como para o livro. Eu não concebo o mundo sem eles: a língua portuguesa e os livros. Numa entrevista que eu fiz com a Dad (Squarisi), ela menciona o fato de que alguém teria dito que daqui a cem anos, trezentos anos, eu não sei, estariámos falando espanhol. (Risos).



Há quem fale até que o portunhol será uma das línguas do futuro...

O fato é que a língua portuguesa existe e é altamente sofisticada, a última flor do Lácio. O Brasil tem uma população expressiva, juntamente com Portugal e outros países onde se fala português. Não tenho o menor temor de que essa língua desapareça. Nós temos uma unidade lingüística muito grande. Acho que é um trabalho positivo que a Rede Globo teria feito (risos). Porque a televisão até modela, faz com que todo mundo ouça, de certa forma, a língua portuguesa com alguma uniformidade. É a língua que vou continuar falando até morrer...

E escrevendo também...

Sim. Eu acho que estou contribuindo para que a língua portuguesa seja perpetuada e amada. A Ana Maria Machado, quando partiu para a briga pela conquista do prêmio Hans Christian Andersen, disse que não se esquece de uma posição minha em uma mesa de estudos literários. Em resumo é o seguinte: "Tem algumas coisas que eu

□ CARLOS HENRIQUE

*Beija o peito de tua mãe
boca faminta
e dá à luz a Vida*

*Beija palavra por palavra
boca bendita
e dá à luz o Verbo*

*Beija os lábios que te beijam
boca desejada
e dá à luz o Amor*

*Beija em silêncio o crucifixo
boca devota
e dá à luz a Fé*

*Beija a fronte do teu pai
boca rebelde
e dá à luz a Gratidão*

*Beija o sexo da amante
boca devassa
e dá à luz o Prazer*

*Beija teu filho que dorme
boca insone
e dá à luz a Imortalidade*

*Beija os versos que te faço
boca amiga
e dá à luz a Beleza*

Beijos



gosto mais que as brasileiras: uma delas é o chocolate, prefiro o suíço ao brasileiro. Outras coisas não; farofa tem que ser a nossa. No que diz respeito à literatura, livros escritos no idioma que falamos sempre são superiores". Digo isso porque o contato com a língua que você fala é uma coisa muito forte. Afinal, é a língua da sua mãe, do seu pai, é a língua em que você cresceu. Não estou querendo saber se Tolstói ou Dostoievski é superior à Machado de Assis ou Monteiro Lobato. Mas tenho certeza de que para uma ilha deserta eu levaria Machado de Assis e Monteiro Lobato, porque eles escrevem na minha língua. Se os bascos têm lá a língua deles e continuam falando, assim também terá sempre um grupo que irá falar português...

A senhora escreve para jovens adolescentes, não são somente livros para crianças, mas livros até para quem quer se iniciar no ramo da literatura... Escrever para adolescente tem a sua função, além de estética, didática.

Foi nesse gênero da literatura

“Quando vou aos colégios e tem aquela fila de uns cem garotinhos querendo o meu autógrafo, me sinto mais do que Xuxa”

intencionalmente pensei: "Vou escrever para adolescentes". Outros não. Tenho um livro de lendas indígenas; simplesmente fiz um trabalho de contos.

No seu último romance, *Meu pai vive de Arte*, a questão predominante do livro é o amor pela arte versus a luta pela sobrevivência. Se Margarida Patriota tivesse que escolher, qual seria a opção?

Eu não concebo a atividade de escritora sem publicar. É um caminho da comunicação, se ficou na gaveta você não atingiu o seu objetivo. Tenho um livro que eu gosto muito, que prezo muito, que acho até que é a coisa mais original que fiz. É o *Mafalda Amaz'ona*, uma edição de pouco retorno comercial; por quê? Porque o trabalho de linguagem é experimental. Eu imagino uma comunidade matriarcal, antes do Brasil ser descoberto, onde as mulheres mandam e os homens nasceram para varrer chão, catar piolho...

Quando um autor escreve uma obra que ele acha absolutamente original e não consegue publicá-

la, é um insucesso? Como administrar isso?

Eu administro da seguinte forma: o livro é tão bom que eu publico nem que tiver que pagar. (Risos). Então eu digo: esse livro vai sair de alguma maneira. Não sei como, mas vai. E sigo pensando assim e tentando fazer com que as coisas aconteçam.

A senhora tem hora certa para escrever?

Sou matutina; é raro o dia em que não escrevo, mas estou tendo mais dificuldades agora, porque em casa a minha hora de escrever não é muito respeitada. Todo mundo entra no meu quarto a qualquer hora, porque ninguém

pensa que escrever é um trabalho importante. Meus filhos falam comigo e eu não ouço. E então eles dizem que eu não estou prestando atenção ao que eles estão dizendo. Mas é porque eu não posso! (Risos).

Mas a senhora escreve 24 horas por dia...

Acho que sim, porque não sei ler sem prestar atenção às palavras. Estou sempre procurando palavras que possam ser



usadas nos meus textos; sempre que escuto ou leio uma que me chama atenção, anoto. Outro dia ouvi um deputado empregando uma palavra no rádio, não me lembro agora, mas na hora pensei: "Essa aí é a palavra que eu queria".

A senhora conseguiria viver da pena?

Não, mas pago Imposto de Renda pelo que escrevo. Eu recebo direitos autorais, mas não dá pra viver. Sei lá. Depende, deve dar um seis mil reais por ano. Eu declaro e já complementa a renda...

Programa Autores e Livros

Apresentação: Margarida Patriota
Sábado às 10h30 e domingo às 19h30
Rádio Senado FM - 91,7 MHz
Internet: www.senado.gov.br

essa flexibilidade. Na UnB fica tudo muito amarrado; eu queria um ambiente mais solto: o Instituto de Letras fazendo o que é da sua área. Existe muita burocracia, muito... sei lá, tantas instâncias: formulários a preencher que você não entende - porque foi feito para quem lida com micróbios, para biólogos, para físicos nucleares -, questões para serem respondidas da mesma maneira por um professor de literatura. São critérios curiosos. De qualquer forma, a UnB é um espaço rico, propicia o enriquecimento das idéias, é um ambiente de pessoas muito interessantes. A Universidade de Brasília ainda é um foro de efervescência importante aqui no Distrito Federal, porque oferece um clima de dinamismo de idéias, de debate. Mas já está no momento de esse debate ser mais direcionado para uma pesquisa livreca maior.

“ Sempre temos aqueles alunos que justificam a nossa profissão ”

Como é conciliar a UnB com a atividade de escritora?

De certa maneira eu orientei a minha carreira acadêmica dando prioridade ao currículo. Acabou ficando muito eclético e hoje em dia o forte nele é a ficção mesmo. Então eu trabalho nas férias, eu trabalho durante as licenças, procuro escrever. Porque no período de aula é muito difícil, não dá para escrever na UnB. Apesar de não dar aula todos os dias, o período de leitura e correção de textos toma bastante tempo. Literatura não é como língua, porque língua, você sabe, você pode dar aula; você sabe português, você pode dar aula de português. Falo isso porque dei aula de francês por um tempo. Mas para a literatura a gente não tem dados na memória.

- Tem razão, é uma palavra difícil. Não precisa ir ao dicionário. Vou explicar direitinho. Só desta vez. Não é para se acostumar. A mordomia vai acabar!

- Puxa, que bom!

- Hediondo, meu filho, é depravado, horroroso, causa medo. O criminoso usa da violência. Não tem pena de ninguém, tal qual no caso de seu amiguinho. Como ele e a mãe devem estar sofrendo, além do pai, que não se sabe onde nem como está. Você entendeu o que é hediondo?

- Entendi, sim.

- Há mais uma coisa que lhe quero contar. É muito importante.

- O que é, mãe?

- Se alguém vê e não faz nada para impedir o crime, ou se manda alguém fazer, também é considerado criminoso.

- E se ele não receber o dinheiro pedido, como fica?

- É uma boa pergunta. Não importa. Recebendo ou não, o crime é o mesmo.

- O que é que vocês estão fazendo, aí, fechados, no meu santo gabinete de estudo e leitura?

- Pai, a mãe estava explicando o que é seqüestro.

- Oi! O Paulinho realmente me perguntou o que é seqüestro.

- Assim, de repente, é?

- Você recorda-se do Pedro, o amigo do Paulinho?

- Claro, ele sempre está aqui.

- Pois é, o pai dele foi seqüestrado, faz uma semana, e ninguém sabe dele. Eu estava explicando para o Paulinho o significado disso.

- E ele aprendeu?

- Ora, doutor sabichão, pergunte a ele. Será que só o senhor, doutor Marcos, é capaz de ensinar?

- Desculpe, querida, estava só brincando. Eu estou realmente estupefato.

- Espere, vou atender o telefone, pai.

- Pai, pai, graças a Deus, a polícia achou o esconderijo e o pai dele foi libertado, agorinha mesmo. A mãe dele está avisando. Ela está contando que ele sofreu demais e esteve acorrentado, com os olhos tapados, durante todo o tempo, e era ameaçado a todo instante com revólver e faca. Ela está dizendo que o marido chegou a pedir que o matassem, pois não aguentava mais o sofrimento. E os bandidos confessaram na Policia que iriam matar não só o pai como o próprio avô dele, que iria entregar o dinheiro.

- Aí é que está, minha cara esposa e meu querido

filho, graças a Deus, ele está salvo, mas, para esses casos, só a pena de morte resolve.

- Que sorte a polícia ter descoberto o local, né, pai?

- A polícia merece nota dez. Ninguém dá valor a ela. Repito: só a pena de morte para esses casos.

- Você está louco, meu querido marido! A Constituição felizmente não permite.

- Ana, minha esposa, eu sei que a Constituição proíbe a pena de morte. Ela deve ser alterada ou feita uma nova. Modifica-se para tudo, então por que não para este caso?

- Meu caríssimo marido Sérgio, você não sabe que eu não concordo com a pena de morte, para nada?

- Eu sei, Ana. Perdoe-me. Mas há criminosos que não merecem comiseração, devem ser excluídos da sociedade, para não repetirem esses crimes e causarem mais dor e sofrimento a pessoas inocentes, cujo único crime é serem boas e até estarem bem de vida.

- E as pessoas miseráveis não têm direito a nada? Você não vê isto?

- Minha mulher, vejo, sim. A sociedade não pode omitir-se. Deve evidentemente cuidar da saúde, do desemprego e de tudo o mais, entretanto, não pode e não deve deixar impunes esses criminosos, sob pena de ela própria sucumbir.

- E tem que ser com a pena de morte, meu maridinho querido?

- Não vejo outra alternativa para esses casos. É claro que não se vai aplicar a pena de morte no caso de furto, agressão ou até estelionato.

- Pai, você complicou. O que é estelionato?

- Bem, daqui a pouco você vai se tornar um advogado bem sabido. Estelionato é obter alguma vantagem enganando e prejudicando alguém.

- Só isso, pai?

- Há mais, mas por hoje basta.

- Você disse comiseração. O que é comiseração?

- É piedade, pena, dó, meu filho.

- Paulinho, e o dicionário?

- Desculpe, mamãe. Prometo que me tornarei amigo do dicionário.

- Está perdoado. Afinal, este não é um crime grave e você merece comiseração!

- Obrigado, mamãe.

- Papai, estou contente que o pai de meu amigo tenha ficado livre.

- Todos nós estamos felizes por isso.

- Mamãe, estou ficando com medo.

- Não tenha medo, nada acontecerá conosco.

UnB

Eu gostaria de ver, pelo menos, arte e literatura mais soltas nessa UnB. Menos subordinada à Capes, ao CNPq, à Administração, à burocracia. Eu gostaria de ver uma espécie de Centro das Letras que pudesse ser muito mais solto. Assim se fazem verdadeiros professores de literatura. Por outro lado, o alunado de Letras deixa muito a desejar, principalmente em função da sistemática de seleção. Como a pontuação é feita no âmbito geral, os mais estudiosos, às vezes até os mais vinculados às Letras, entram para Medicina, Engenharia... Quem se interessa realmente por literatura acaba entrando em outros cursos. Nas Letras entra quem teve, em vez de 400, 20, 25 pontos. Isso se reflete na própria UnB. Eu gostaria de ver mais gosto pelo livro, pelo prazer de ler. Não há. É difícil. Claro, há exceções. Felizmente, sempre temos aqueles alunos que justificam a nossa profissão, sempre há no rebanho aquele apaixonado pela leitura.

Também há muito falatório na UnB. Eu gostaria de ver um lugar mais silencioso, onde se pudesse trabalhar, escrever - eu não escrevo na UnB, nem leio na UnB; vou às reuniões ou dou aulas. É impossível! Isso não é uma metáfora, não falo só dos corredores, das instalações. Realmente, não há silêncio. Não tenho temperamento para nada administrativo, como reuniões. Tenho horror a essas coisas. E eu gostaria de ser mais solta para desenvolver trabalhos mais criativos. Eu vejo que em outros sistemas universitários - que funcionam também - o professor tem

- Eu posso tomar conta também?
- Por enquanto, espere. Cresça e aprenda. Mas, prosseguindo, o Estado faz as normas ou regras, também chamadas leis, que devem ser obedecidas por todos, sem nenhuma diferença, para as pessoas viverem em harmonia, não brigarem nem fazerem mal às outras e saberem o que podem ou não fazer.
- E essas regras são obrigatórias?
- São, sim. Todos devem obedecer a elas.
- E se elas não seguirem essas leis?
- Aí é que entra a coisa! Em primeiro lugar, existe a Constituição, que é a regra mais importante. Ela diz como esse Estado deve ser, como devem ser eleitos aqueles que vão dirigir a sociedade e muito mais coisas importantes.
- Você pode dar mais um exemplo?
- Ela diz também que é preciso haver regras que proíbam a prática de determinados atos, porque causam mal às pessoas, machucando-as, tirando-lhes a vida ou as suas coisas. Para encantar e você entender bem o que estou falando, essas leis visam proteger as pessoas e seus bens ou coisas, e quem não as respeitar, deverá ser punido.
- Qualquer um pode punir?
- Não. Somente o Estado pode fazê-lo. Vou dar um exemplo. A polícia prende e verifica o que houve. O juiz aprecia tudo e condena, se realmente houve o crime, isto é, se alguém fez o que não devia, porque praticou algo que a lei proibia.
- E o juiz sempre condena?
- É claro que não. Se a pessoa provar que nada fez, não será condenada. Por isso é que existe a lei, para proteger os inocentes e punir os criminosos, isto é, os que infringiram essa lei.
- Mamãe, o que é inocente?
- Inocente, meu filho, é aquele que não fez nada. Lembra-se do dicionário?
- É mesmo!
- Desta vez, passa. Já são duas, ouviu?
- Sim, ouvi. De agora em diante, vou me acostumar à idéia do dicionário.
- Acho que agora já posso dizer mais alguma coisa sobre seqüestro.
- Que bom, pensei que você tivesse se esquecido.
- Ué, menino, primeiro, tinha que ensinar umas coisas antes, senão você não ia entender nada. Agora, preste atenção.
- Tou prestando, pode ver.
- Pois bem, os seres humanos devem-se comportar de acordo com o que está previsto na regra ou na lei. Ninguém pode desviar-se dela.
- Eu não conheço todas as leis.
- Aí, é outro departamento. Outro dia, falo disso. Por enquanto, saiba que todos devem conhecer a lei ou fazer de conta que a conhecem. Entendeu?
- Não muito.
- Então, vamos ficar no mundo do faz de conta que você conhece a lei, porque conhecer é preciso!!! Se uma regra diz que tirar alguma coisa de alguém sem que ele permita é crime, quem o fizer, praticará um crime. E esta lei também prevê que ele deverá ser punido. Está comprehendendo?
- Desta vez, estou. Está bem claro. Você é grande, sabe explicar.
- Melhor assim. Você disse que o pai do seu amiguinho havia sido seqüestrado, não é?
- É, sim.
- Então, um criminoso, que é aquele que pratica o crime, ou várias pessoas, se for o caso, seqüestra alguém, ou seja, toma a pessoa e impede-a de ficar em liberdade, não permitindo que ela se movimente livremente, mesmo que seja na sua casa, estará tendo um comportamento que a lei não deseja. Portanto, o crime se realizou. A pessoa seqüestrada é a vítima.
- E se a pessoa seqüestrada for morta?
- Antes disso, quero dizer que esse crime é mais grave quando o criminoso seqüestra para obter dinheiro ou vantagem.
- Pra quem fica o dinheiro, mamãe?
- Não importa para quem vá o dinheiro ou qualquer vantagem. Pode ficar para ele mesmo ou para uma outra pessoa.
- Coitado do pai do meu amigo.
- É isso mesmo. A pena, neste caso, é muito dura. Ele fica preso muito tempo, sem qualquer regalia. E agora vou responder a sua pergunta: se o machucarem ou ele for morto pelo criminoso, então a pena é muito maior. Também se o seqüestro durar mais de um dia, ou seja, mais de vinte e quatro horas, a pena também é aumentada. Ou, ainda, se a pessoa que sofreu o seqüestro for menor de 18 anos ele fica preso mais tempo.
- Bem feito, o criminoso merece mesmo ser punido.
- De fato, esse comportamento é tão odioso, causa tanta dor ao coitado que sofreu esse crime e a sua família, que a Constituição o chama de hediondo.
- Epa, o que é hediondo, mamãe? Eu nunca ouvi esta palavra.

Quarto minguante

□ AFFONSO
HELIODORO

Ontem, fiquei admirando o céu depois do colorido pôr-do-sol dessas tardes de Brasília, agora tão frias. Prolongava-se, para mim, aquela paz profunda que envolve a cidade no seu entardecer. As nuvens moviam-se e propiciavam um espetáculo mirífico de variada luz e cor.

De repente, o céu ficou escuro. As nuvens mal recebiam os restantes esforços de um sol já ido, mas que teimava em iluminá-las.

Agora, apenas um clarão difuso, e de certa forma lúgubre, acompanhava o findar daquela tarde, antes tão aprazível.

O sol já desaparecera há bom tempo. Recolhera-se aos misteriosos caminhos de sua longa viagem pelo espaço.

A tarde ficou triste. E eu também. Lá longe, no fundo do céu, vejo a tristeza de uma lua minguada, fininha, apagada em meio àquele colossal abismo de blocos de nuvens quase negras. Ela queria, coitada, como toda amante abandonada, correr atrás de seu rei, que fugia horizonte abaixo.

O céu, de um roxeado estranho, tornou-se negro, impressionantemente escuro e misterioso!

Aquela luazinha raquítica, que também se despedia mais cedo da noite, trouxe-me a dolorosa sensação do fim das coisas. Do terminar de tudo, do acabamento.

A sombra da terra maldosa que encobria parte da minha lua cheia, transformando-a naquela coisinha insignificante lá no fundo do céu, fazia-me tanto mal! Uma tristeza cinzenta começou a tomar conta de mim, da cidade, do mundo todo, imagino. Tentei chorar e as lágrimas negaram-se a rolar pelas minhas faces.

Seria por quê?

Talvez porque elasoubessem, melhor do que eu, que, depois da lua nova – mais triste ainda –, virá a lua crescente anunciando a chegada gloriosa de minha “lua cheia de esplendor e de encanto!”

A terra, ciumenta, só queria vingar-se da companheira dos amantes nas noites de luar. Queria empanar-lhe o brilho, mal sabendo que, quando ela voltar, solta no céu, cheia, vai encontrar seus amigos ansiosos por vê-la, tomados da saudade de seu encantamento e do acalanto de sua luz de prata nas noites de luar.

Quando ela voltar, haverá de novo festa no céu e na terra.

Meu amigo São Jorge

□ AFFONSO HELIODORO

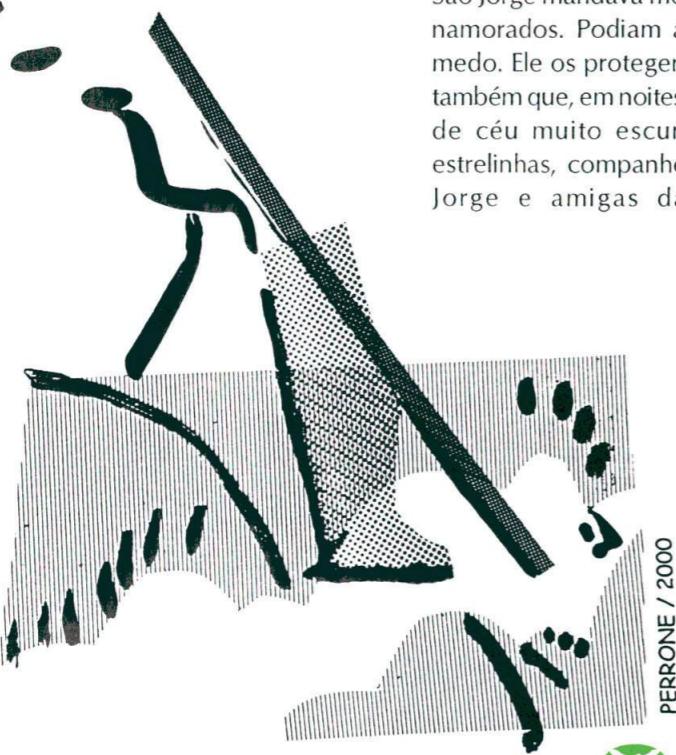
O pouso foi suave, macio. Parecia estar descendo em uma camada de nuvens brancas. Desembarquei de minha astronave e comecei a percorrer caminhos iluminados ou, às vezes, de sombras tênuas, quase desfeitas.

São Jorge me aguardava montado em seu ginete branco, com a lança a penetrar no peito do terrível Dragão. São Jorge o quer matar para que ele não perturbe, em noites claras de luar, o romance dos namorados cá de baixo. Ele vela pela Terra de onde partira para vencer o ameaçador Dragão.

Dragão detesta namorados.

É preciso retê-lo lá bem longe.

Os amantes gostam de sossego para seus devaneios, suas carícias, suas falas de amor.



PERRONE / 2000

(Mal sabia eu que, mais tarde, me tornaria amigo e companheiro desse Dragão. Minhas histórias com ele estão no livro que publicarei em seguida, chamado: *Oráculo do dragão* ou *A fada Sirinx*.)

De tanto falar em lua, de tanto olhar a lua lá no céu – ontem ela era cheia – sonhei-a esta noite, linda barca de cristal vogando no azul profundo e misterioso das noites de plenilúnio. As nuvens que emolduravam-lhe a face passavam apressadas, dando a impressão de que era ela que corria caminhos de sonho, naquela rota de imaginação que a fantasia do poeta canta em apaixonados sonetos de amor, em longos e dolentes cantos de nostalgia.

Dindinha, minha tetravó índia, da tribo dos puris de Diamantina, contava que, no tempo de lua cheia, São Jorge mandava mensagens aos namorados. Podiam amar-se sem medo. Ele os protegeria. Ela falava também que, em noites de lua nova, de céu muito escuro, eram as estrelinhas, companheiras de São Jorge e amigas da lua, que

Cansado de acompanhar o trote largo do cavalo branco, peguei um raio de luar que passava na hora e nele montei, tornando minha marcha mais veloz que a do santo lunar. Disparamos lua afora até chegar em sua face escura. Que medo! Só trevas.

Onde o romântico luar, onde a inspiração dos poetas, onde estaria eu?

O bom santo quis me acalmar com explicações meteorológicas e teorias astrais. Nada me convenceu.

Apertei as esporas no meu raio de luar e ele deu um salto tão grande que acordei assustado.

Corri à janela para ver se a lua ainda estava no céu. E lá estava ela, como sempre: majestosa, romântica, encantada.

Era o mesmo disco de cristal e prata que vira antes de dormir.

Mandei-lhe um beijo e voltei para a cama, ao lado de meu amor que dormia tranqüilamente. Minha alegria despertou-lhe o sono e fomos os dois, à luz mágica daquele luar misterioso, namorar sob as flores olorosas do jasmim de nossa janela.

- Sim, meu filho. Vou explicar um pouco mais, mas basicamente é o que lhe havia dito.

Os homens vivem em sociedade, isto é, vivem organizados, da mesma forma que alguns animais, como as formigas e as abelhas.

- Elas são como nós?

- Há diferença muito grande entre nós e elas.

- Qual?

- Nós somos dotados de inteligência e sabemos o que fazemos, e sempre queremos algo. Enfim, o ser humano diferencia-se dos animais, porque é um animal racional, pensa. Você não pensa ou não faz alguma coisa, quando tem vontade?

- Faço, sim. Quando estou com sede, vou tomar água ou então pego um copo de suco na geladeira. A senhora se importa?

- Oh, não! Isto que você fez não prejudica ninguém. Pelo contrário, foi em seu benefício, para satisfazer uma necessidade, que era matar a sede. Você fez muito bem.

- Obrigado.

Seu pai trabalha e eu também. Sabe pra quê?

- Pra dízimo pra mim, não é?

- Sim, senhor, seu malandrinho. Só para o senhor, não é mesmo? (Risos!!!!)

- Pois é, todos trabalhamos para viver bem.

- E quem seqüestra não trabalha?

- Aí que está! Todos deveriam trabalhar ou estudar. Enfim, fazer alguma coisa de útil. Ninguém pode ficar sem fazer nada, porque isso leva ao ócio, o que é muito perigoso.

- O que é ócio, mamãe?

- Desta vez, passa, vou lhe dizer, mas na próxima, vá diretamente para o dicionário. Isso faz bem. Aguça a mente e acaba com a preguiça, com a vagabundagem. Viu? Ócio tem muitos significados. E dei somente alguns.

- Tem mais significados, fora esses?

- Tem, sim. Também quer dizer descanso, repouso. Depende da frase. Por enquanto, aprenda que também significa inação, isto é, falta de ação e indolência.

- Tá bem, mãe!

- Então, como estava contando, as pessoas que não trabalham nem estudam, ou ficam no ócio, ficam pensando em coisas más ou ainda se dedicam a fazer o que não devem, como fumar, que prejudica a saúde, usar drogas, que também prejudica a saúde e a mente das pessoas. Enfim, praticam atos que maltratam os outros. Isto não é nada bom, para ninguém. Ou ainda furtam, isto é, tiram as coisas de outras pessoas, sem que elas

tenham consentido, e até com violência. Às vezes, até matam.

- Puxa, mamãe. Posso fazer uma pergunta?

- Claro. Se eu não souber responder, não tenha dúvida, chamo seu pai. Eu gosto dele, porque é muito sabido. Ou pergunto a quem saiba mais. Não é vergonha. Pior é não saber e ter medo de indagar e aprender.

- É mesmo?!

- E o que você ia perguntar?

- Você disse que fumar também faz mal à saúde. A mãe e o pai de meu amigo Josef fumam bastante. Também é ruim para a saúde deles?

- Naturalmente. Eles não deviam fumar. Ainda não aprenderam que qualquer vício faz mal, e ainda dão mau exemplo. Atualmente, é proibido fumar em muitos lugares. Com o tempo, com certeza, a pessoa só poderá fumar em sua casa ou em lugares próprios. E só fumarão os teimosos e irresponsáveis. Quem não fuma não é obrigado a tolerar a fumaça dos outros!

- E você ainda vai dizer mais coisas sobre o seqüestro?

- Vou, sim. Seqüestro é crime, e quem comete crime deve ser punido, para aprender e servir de exemplo.

- Eu não entendi nada. E agora, mamãe?

- Bem, vou tentar explicar o que é crime, mas antes devo dizer que todos os homens vivem em sociedade.

- E as mulheres?

- Também, é claro. Quando eu disse... todos os homens... eu estava usando esta palavra no sentido genérico, abrangendo o homem e a mulher.... Entendeu?

- Não.

- Ih, como é que eu vou sair desta? Deus é grande! Há de me ajudar, sem dúvida.

- Você agora apela até pra Deus? Minha professora disse que é uma forma de fugir do problema.

- Não, não é. Continuando, os homens e as mulheres (pronto! Uso as duas palavras) vivem em sociedade e fazem regras para conviverem em harmonia e não precisarem brigar.

- E por que elas brigam, então?

- Um momento. Vamos por partes. Eu dizia que as pessoas se organizam, para viverem juntas e ajudarem umas às outras.

- Como a família, em casa?

- Perfeitamente. E, assim, criaram o Estado, que é uma espécie de diretoria, que toma conta e faz cumprir as regras.



- Mamãe, o que é seqüestro?

- Porque essa pergunta agora, Paulinho?
- É que....
- É que ... o quê, menino? Que cara é essa?
- Ora, mamãe, não é nada, não.
- Alguma coisa há. Desembucha, aí!
- É que o pai do meu amiguinho, Pedro, foi seqüestrado, há uma semana, e ninguém tem notícia dele. Ninguém sabe de nada. Foi isso que a mãe dele falou, mas não me explicou o que é.
- Seqüestro, meu filho, é um comportamento muito feio e danoso.
- Então, é por isso que está todo mundo triste na casa dele. O Pedrinho e a mãe estão chorando o tempo todo. Eu também chorei, mas não sabia por quê. Me deu vontade, como eles...
- Meu filho, há gente boa e gente má. Infelizmente, o mundo está cheio disso.
- E o que tem a ver essa coisa com o que eu perguntei?
- Há muita coisa, sim. Eu quero dizer que nem todas as pessoas são boas, como nós, seu amiguinho e os pais dele.
- O que você quer dizer com isso?
- Você já ouviu falar em gente que pega o outro, sem que ele espere por isso?
- Nunca, mamãe.
- Pois é, às vezes aparece uma pessoa que nem conhecemos e obriga-nos a acompanhá-la à força, contra a nossa

O Seqüestro

□ LEON FREJDA SZKLAROWSKY

Usina de Letras

□ GUSTAVO DOURADO

presidente do Sindicato dos Escritores do DF

O Portal Terra e o sindicato dos Escritores do DF lançaram, em novembro de 1999, o *site* literário **Usina de Letras** para a publicação de textos de escritores de Brasília e da região Centro-Oeste. A idéia ultrapassou os limites regionais do Planalto Central e alcançou diversas regiões do Brasil e outras cercanias: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Fernando de Noronha, Rio Grande do Sul, Amazonas, Uruguai, México, Indonésia, Estados Unidos, Inglaterra, França, Holanda, Japão, China, Israel, Egito, Austrália, Timor, Espanha e Portugal, entre outros espaços virtuais dos cibercosmos digituais.

São poemas, contos, crônicas, artigos, ensaios, frases, pensamentos, críticas, teses, monografias, letras de músicas, literatura de cordel, enfim, os mais variados gêneros literários e múltiplas formas de construção da linguagem. Milhares de textos desfilam no mundo digital e telúrico da **Usina de Letras**. O *site* (www.usinadeletras.com.br) é de fácil acesso, possibilitando a edição de escritos em ritmo cibernético. O cadastro é rápido e descomplicado. Basta ter um e-mail. A Central do Autor dinamiza o acesso do escritor diminuindo todas as dificuldades. Até uma criança com domínio de digitação pode inserir textos.

O "Correio Brasiliense", a "TV Brasília", o "Jornal da Comunidade", a "Rede Globo", a "TV Bandeirantes", a "NET" e a revista

"Veja Online" destacaram essa nova proposta em suas resenhas e reportagens. A iniciativa, pioneira no Brasil, pelo menos com essa magnitude, conta com a simpatia dos autores e da imprensa, com destaque na mídia local, no "Estado de Minas", "Diário de Pernambuco", a página do Sindicato dos Escritores e diversos espaços na Internet. Estão cadastrados cerca de 1 mil escritores com inserção diária de múltiplos textos, já ultrapassando a casa dos 7 mil, com destaque para a poesia, o conto e a crônica. Os internautas estão aderindo à proposta com acesso superior a 1 milhão de visitas aos digitextos publicados, aproximando-se de 8 mil acessos diários.

A **Usina de Letras** abre caminho para a nova era digitertextual, levando os escritos contemporâneos às pirâmides virtextuais do conhecimento teleinformático. Futuramente, os melhores textos da Usina serão selecionados para a edição virtual de livros eletrônicos que ficarão disponíveis aos internautas nas galáxias da web. Centenas de autores criam e recriam seus trabalhos de forma contínua no laboratório das letras, autêntica fábrica de criação intertextual. Torne-se usineiro, leia, publique, divulgue sua criação e a dos amigos. Trata-se de uma oportunidade única, sem custos. Aproveite o momento. Chegou a sua hora. Navegue nas ondas literárias do ciberspaço virtual.

TAGUATINGA

RODRIGO ROLLEMBERG

Taguapark, JK, Vai Quem Quer
Vai quem quer?
Do capela, hierofante,
Mamulengo, presepada
Mamãe Taguá, dança em par

Quem é o par?
Justos, Simões, Dourados,
Gins, Francos, Maris,
Taguatinga é poligâmica

Taguatinga em pé de guerra
Em defesa de sua gente
Taguatinga impede guerra
Taguatinga em pé é paz

Sem frescura



Malogrô

□ FRANCISCO BRANTES

*Eu,
Bem
Que
Quis...
Lutei!
Batalhei!*

*Mas,
Não
Fiz
Você
Feliz.*

DF LETRAS

vez a falta de vontade política de quem detém os mecanismos que não permitem a chegada de bons livros aos presídios.

A quem interessaria o preparo intelectual de detentos? A quem interessa transformar em cidadãos homens excluídos?

Se a maioria dos detentos de um presídio conseguir armar-se de conhecimento e usar essa arma para exercer não apenas o dever, mas também o direito, ficará difícil para o "sistema" domar a massa, que dificilmente engolirá as normas antiquadas impostas no grito a homens de espírito livre. O ser humano que deixa de ser "analfabeto político" passa a ser a pior ameaça à sociedade. O sistema pensa assim. Terá razão?

Quantas vezes paramos para avaliar o porquê de tantas rebeliões nas penitenciárias brasileiras? É cômodo encontrar-se logo o culpado e condená-lo por mais um crime. Mesmo que a penitenciária fosse um convento, haveria conflitos, agressões e crimes; afinal ninguém é santo.

Quando pedi aos participantes da primeira Oficina Literária por mim conduzida na Papuda que escrevessem o que bem entendessem, perguntaram se havia censura prévia, ou coisa parecida. "Escrevam sem qualquer preocupação, ninguém vai censurar nada".

Não venham com M, P, C... Todas as palavras têm que ser escritas. Mas não era essa a censura que temiam. Temiam que seus textos caíssem nas mãos de pessoas que tomassem o que tinham escrito como ofensa e os punissem ou impedissem a publicação do livro que nos propusemos publicar. Não mostrei a ninguém que detivesse poderes de censura, salvo a meia dúzia de editoras e a alguns colegas escritores.

Quase sempre as coisas fogem ao nosso controle: a censura aconteceu. Não ao livro como um todo, mas a um dos autores, que

teria violado certos códigos da cadeia. As reações acabaram por chegar a quatro dos sete autores. Alguns detentos não gostaram das críticas e, principalmente, de ter sido revelado o nome do preso criticado. Nada disso tira o mérito da obra. Textos fortes, líricos, dolorosos e verdadeiros. Precisam ser lidos, doa a quem doer. É possível que alguns dos insatisfeitos (não me refiro aos autores da obra) estejam acometidos do sentimento comum a uma maioria quando alguém faz sucesso: inveja.

Acredito que o autor alvo da censura a que me refiro não tenha pretendido atacar ninguém, apenas teve coragem de dizer o que pensa, sem qualquer máscara. Fica claro que muito se diz no calor da emoção. Como tudo num presídio funciona diferente (lá é outro mundo), a lógica humana às vezes não tem nenhuma lógica.

São sete escritores, sete pensamentos; impossível não acabar ocorrendo insatisfações. Nem *Poliana* consegue unanimidade. Se nenhum dos sete autores merece um prêmio de escritor revelação, também não deve sofrer qualquer tipo de discriminação. Afinal, eles não são Salman Rushdie, autor de *Versos satânicos*. Nada que possa



acontecer, nenhuma força poderá impedir o furacão da arte.

Da administração do tempo à espera pela liberdade (como deve demorar um dia em uma cela ...), melhor não procurar entender o que se passa no íntimo de cada um. Nada deve ser pior que a sensação de abandono por que passam tantos seres humanos privados de liberdade.

Para encerrar citarei, como fracasso do sistema penitenciário brasileiro, João Inácio Pereira, o Bandido da Luz Vermelha. Não para defendê-lo, que ninguém entenda assim. É que para mim, aquele homem, agora que morreu definitivamente (posso dizer assim) morreu quando entrou na cadeia; talvez tenha morrido antes, ao cometer o primeiro crime. Mas não quero julgar presos, meu objetivo é apontar outros criminosos. E o principal é o sistema que não reeduca, e nem cuida da saúde dos reclusos. Qualquer leigo perceberia que o Luz Vermelha era um doente mental, menos os psiquiatras que assinaram o laudo, menos o juiz que acatou o mesmo laudo. Mas a mídia vive fabricando heróis, se não o Bigs e o Pareja não davam tanto Ibope.

Sendo assim, quem matou João Inácio não foi o homem que puxou o gatilho, e sim os omissos; e sim quem o manteve preso durante trinta anos. Mesmo sabendo que ele precisava mais de tratamento médico do que apenas de cumprir sua pena e sair mais maluco do que entrou. Velhos e inúteis são os que ficam à espera do tempo que não os recupera para, quem sabe, vingar-se da sociedade que pagou impostos para mantê-los, via de regra, inúteis e improdutivos, para receber todos os não-sensos que temos na ponta da língua.

Breve teremos outro filme para mostrar as novas desventuras e derrotas do Bandido da Luz Vermelha, para disputar com a história do Pareja.



C

ansado de ser espectador e às vezes crítico do sistema carcerário, resolvi entrar como voluntário na Papuda para fazer um trabalho na área de literatura. Muitos foram os questionamentos pessoais e os obstáculos, dentre eles a dificuldade de ingresso pela primeira vez num lugar que só conhecemos através da TV e do cinema.

Derrubados todos os obstáculos, entrei, levando uma fatia de cultura e solidariedade a quem dispõe de muito pouco. Interferi como cidadão num setor que achamos não ser de nossa conta, a não ser quando somos pagos, ou somos levados aos empurrões. Para interferir basta a presença. Mesmo se alguém tentar impedir ou atrapalhar, é que devemos radicalizar e não arredar pé.

No segundo semestre de 1997 realizei na Papuda uma Oficina Literária, graças à Funap e ao interesse maior de 29 inscritos. Tive, por livre e espontânea vontade, de encarar pessoas totalmente estranhas e desconfiadas. Dizer que foi fácil, seria demagogia. As barreiras e os muros (deles, meus e do sistema), poderiam me fazer

O papel da cultura no processo da ressocialização

□ JOILSON PORTOCALVO

recaer no primeiro dia, mas isso não aconteceu, resistimos. Estabeleceu-se – após quebrado o gelo – uma grande confiança mútua.

Após alguns encontros, começaram a aparecer os frutos: contos, poemas e relatos pessoais. Organizei a antologia *Confissões em cadeia, sete homens privados do direito de ir e vir* – poesia e prosa, finalmente publicada e esgotada.

Pronto? Qual nada. O lado financeiro, o tráfico de influência e o emocional onde ficam? Atrapalho-me, embaraço-me quando o assunto é dinheiro, política e polícia. Tenho agora sete meio-filhos que me cobram um posicionamento que não posso negar. Entenda-se que a cobrança na verdade não parte deles, mas de mim para comigo, pois acho que embora não sendo advogado, psicólogo ou político, sinto-me capaz e bastante comprometido para fazer algo. A presença e atenção recíproca dizem tudo. Um deles, o Manoel Gomes, força um pouco a barra: escreve, telefona quando pode, pedindo minha presença. Manoel é um dos que estão tentando fazer da literatura uma ponte de acesso à sociedade e à liberdade.

Quando um dos sete, o Sérgio, me abraçou e disse: "Ofereço ao senhor minha vitória no vestibular" e depois: "Vou colocar óculos escuros para não ser visto chorando perto de um homem" estava pedindo uma ajuda que eu ainda não sabia como oferecer. (Sérgio compõe música gospel e tem uma bela voz).

Nunca nenhum me chamou para sua defesa (diretamente), nem reclamou de nada. Jamais algum me pediu dinheiro ou advogado. Se ainda os procuro é porque, se os cativei, sou responsável por eles. (Licença, Exupéry).

Por duas vezes presenciei policiais chamando a atenção de um detento, de forma grosseira. O preso cometia o crime de deixar



crescer a barba. É lei andar barbeado em presídios. Mas não lhe é dada a condição de ganhar com o suor do seu rosto o dinheiro para comprar um aparelho de barbear. Da última vez, o policial disse para quem quisesse ouvir: "Vai ver o que faço com você da próxima vez". Corri para comprar um Prestobarba para o meu amigo e não me atrevi a defendê-lo, pois se o fizesse poderia complicá-lo, e para ele o castigo viria na certa.

E o meu discurso começa a descambiar para o ridículo e comum: dignidade, cidadania, respeito. Será contrasenso pedir respeito para quem não respeitou as leis, transgrediu regras? E a gente começa a se sentir bandido por pedir trabalho, saúde física e mental para quem não foi nenhum santo. Prenda-se alguém numa gaiola de ouro sem lhe oferecer qualquer condição de crescer e se perceberá que não é a cadeia física que mais maltrata e sim a psicológica. Isso é dito por eles nos textos de *Confissões em cadeia*. A chamada ressocialização só acontecerá com muito estudo e trabalho.

Será que uma voz isolada pode derrubar com o seu eco as barreiras de aço que revestem o radicalismo

das leis? Alguém sem muita influência, sem o chamado jogo de cintura, pode chegar e criar suas regras? Sim, pode. Senão me calaria. Ainda acredito em algumas pessoas como um policial com quem conversei no dia 7/1/98, durante meia hora, no Núcleo de Custódia. Pareceu-me um homem que trata o outro como um igual, sensato e sensível. Falamos sobre cinema, teatro, música e outros assuntos. Não é como a maioria que se reveste de uma carranca e se faz grosseiro. Parabenizo-o por ter mandado servir suco de maracujá a alguns presos que diziam estar "desejando" tomar um suco feito da fruta. Ouviu, trouxe frutas e açúcar de casa como exemplo de bom senso e respeito ao semelhante.

Quatro dos escritores presidiários que participam da Oficina Literária realizada por mim no segundo semestre de 1997 lograram passar no vestibular. Dois deles em 1998: Sérgio e Manoel, Pedagogia e Química, respectivamente. João e Ricardo tinham sido aprovados anteriormente, mas tiveram que trancar matrícula, pois a licença para freqüentar a faculdade lhes foi negada. (Em tempo: João Dias já está em condições de fazer uso da bolsa que conquistou; foi recentemente transferido para o NPSA).

Por que permitir que estudem? Por que deixar que sonhem com um curso superior sabendo que não podem sair para usufruir do direito conquistado? Direito? A dificuldade alegada é que, para sair da penitenciária, cada detento precisa de dois policiais para sua escolta. Que tal se a universidade oferecesse também bolsas para os policiais, assim parte do problema estaria resolvida. Além de acompanhar os alunos detentos, poderiam fazer um curso superior. Ou, a exemplo do vestibular, se o aluno não pode ir à universidade, que a universidade vá ao aluno.

O objetivo do nosso sistema carcerário não deveria ser o de nivelar seres humanos por baixo. A palavra *criminoso* tem muitas conotações: cada caso deve ser visto e analisado de forma diferenciada. Colocar na mesma cela pessoas de índoles e culturas diferentes pode provocar uma contaminação social. Embora admita que um assassino, um estuprador e um traficante sejam criminosos, afirmo: são absolutamente diferentes.

A religião e a educação estão presentes nas penitenciárias; a primeira por imposição das igrejas que sabem seduzir, atirando sua rede nas águas turvas e ganhando o mérito de estar ajudando e, lógico, estão. O que seria de muitos que têm a consciência pesada se não tivessem acesso a Deus?

Já a educação (entenda-se como tal a escola) vem perdendo terreno não apenas para as igrejas que fazem um trabalho importante, apesar de permitir que boa parte do "rebanho" se fanatize. A droga, a prostituição e outros crimes brigam pela maior fatia do bolo. Aí, sim, a escola deveria lutar com todas as armas e exorcizar os virtuais inimigos, podendo, inclusive, aliar-se à igreja.

A quem caberia "seduzir" homens ociosos? À escola? Ao teatro? – A todos. A escola é a condutora oficial do processo. Mas a sociedade e as entidades culturais deveriam entrar e conquistar adeptos, melhorar o nível intelectual de homens privados não apenas do direito de ir e vir; privados também de optar pelo que melhor se adapte à sua necessidade; privados de exercer o seu limitado direito. Quais são os direitos de um condenado? Quem puder responde. Fala-se

somente em dever.

A falta de vontade política, a incompetência do Estado, a inoperância do sistema têm causado mazelas na chamada ressocialização de indivíduos que esperam lhes sejam dadas as chances para sair definitivamente da criminalidade. Não raro, encontram-se apenados reclamando o direito de voltar ao convívio da família e de freqüentar uma faculdade. A família também paga pelo crime, não somente do parente preso, mas principalmente

da sociedade? Talvez o judiciário, com centenas de anos de prática, tenha o componente que achamos não existir para que a volta do ex-detento à sociedade não seja traumática. O judiciário, a princípio, deveria também ter a fórmula de ressocializar. E nisso, nós, cidadãos comuns, ficamos tentando "inventar a roda", tentando dizer que é possível, tentando provar que pode haver uma maneira. Infelizmente, alguém já disse: "Preso não dá voto".

O acesso ao livro se dá através de bibliotecas – que têm papel importante no contexto – que ainda dependem da luta incansável de poucas pessoas dispostas a implantá-las. Lidar com literatura neste país já é difícil para quem está em liberdade... imagine preso. Equipar bibliotecas é tarefa árdua – no caso da Papuda, da bibliotecária Conceição. Mas quase sempre apenas os livros didáticos são consultados. Como fazer para que o leitor-presidiário adquira o livro? A preguiça de ler é comum entre nós,

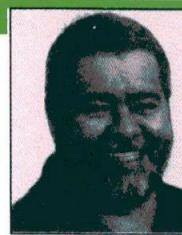
imaginem entre aqueles para os quais o tempo e o espaço são dimensionados de maneira ímpar. O livro chega quase sempre defasado. A literatura contemporânea chega com certo atraso e a qualidade não é muito confiável, já que a maioria dos livros é doada, e poucas pessoas doam bons livros. As editoras poderiam fornecer livros atuais, sistematicamente, através de algum convênio, mas o que a editora ganha com isso, já que a maioria visa apenas conquistar o leitor que detém poder de compra? As editoras sabem que dificilmente essa clientela trará o retorno comercial de uma escola "normal". É o jogo de interesses e mais uma



sendo alvo de discriminação por parte da sociedade que deveria, junto a ela, buscar uma solução para muitos pais de família saírem sem traumas do inferno, sem que a punição seja uma constante. Não é raro encontrar crianças com

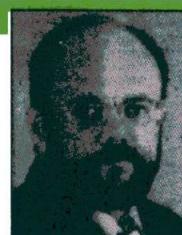
dificuldade de freqüentar a escola, pelo fato de serem filhas de presidiários. Não será suficiente a reclusão e, além disso, e depois disso, a consciência? A sociedade, com seus medos e preconceitos, termina por fortalecer o retorno do egresso ao crime.

A quem caberia mediar o difícil diálogo sistema/sociedade/presidiário? O que deverá ser feito para dirimir o medo e preconceito

Silvio Linhares**PMDB**

Futebol e política fazem parte da nossa cultura e é sob a ótica dos dois temas que faço minhas

considerações. O PMDB é um time ganhador. E estou escalado nessa equipe como homem de frente, com a função de fazer gols. No futebol, eu seria um Romário, polêmico, mas decisivo. (Temos até quase a mesma altura...) Brigo na área política pelos projetos e iniciativas do GDF, que trazem benefícios à população. Sou líder do partido e conquistei espaço como articulador. Sua camisa na elaboração de propostas que buscam a melhor qualidade de vida da comunidade. E são quase quinhentas, de minha autoria, na Câmara Legislativa, treze das quais já viraram leis. Sou considerado um político atuante. Até os militantes dos partidos de oposição reconhecem isso. E bola pra frente.

Chico Floresta**PT**

Estamos chegando ao final de mais um ano, e um ano de bastante trabalho. Em

meu mandato de deputado distrital, além de dar atenção especial às questões do meio ambiente, venho desenvolvendo um trabalho voltado para a segurança do Distrito Federal, como vice-presidente da Comissão dos Direitos Humanos da Câmara Legislativa. A violência está cada vez maior e preocupa a população de nossa cidade, que se vê ameaçada com a ação de quadrilhas, gangues e de chefes do crime organizado. E, infelizmente, o governo nada tem feito para reverter esse quadro. Na área ambiental, venho lutando pela votação do Projeto de Emenda Constitucional (PEC), que inclui o Cerrado na Constituição como patrimônio nacional.

José Edmar**PMDB**

Nosso mandato parlamentar teve, neste ano, alguns acertos e erros de destaque.

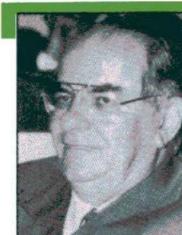
O primeiro deles foi a aprovação do Plano Diretor de Ceilândia: o novo setor QNS, a ligação de Ceilândia a Samambaia e as avenidas com nome de estados brasileiros. Além disso, promovemos a soberania do Parque JK, que colore com verde a interseção das cidades de Taguatinga, Ceilândia e Samambaia. Nossa luta pela moradia e pelo trabalho dos cidadãos mais humildes teve capítulos específicos em favor de pequenas comunidades, buscando sempre o entendimento com o governo. Por último, nossa atuação como líder do governo na Câmara Legislativa propiciou maior discussão e consequente aperfeiçoamento de vários projetos do governo.

José Rajão**PSDB**

A entrega de lotes para mais de 200 bombeiros, através da Lei Vila Militar; a inauguração

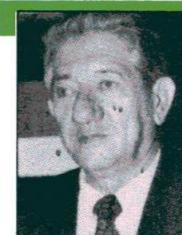
do Colégio Militar Dom Pedro II, em plena atividade desde o início deste ano, com cerca de mil crianças matriculadas, tendo ensino de alta qualidade; o resgate de mais de 10 mil crianças carentes com o Programa Bombeiro Mirim, que agora faz parte do Segurança em Ação, lançado recentemente pelo governador Roriz; a Faculdade Dom Pedro II, para os servidores da segurança pública, que tem inauguração prevista para 2002: são essas as principais realizações de meu mandato parlamentar.

Além disso, em agosto, apresentei ao governador Roriz a Moção nº 4.471/00, na qual solicitei com urgência o aumento da Etapa de Alimentação para o bombeiro e policial militar.

César Lacerda**PTB**

No decorrer deste ano dediquei a maior parte da minha atuação parlamentar ao

combate ao desemprego e à violência. Esses dois temas são os que mais afigem nossa comunidade, pois são eles os responsáveis pela desagregação dos lares e pelo pânico que tomou conta de nossas ruas. Devemos ter em mente que a falta de emprego é, sem sombra de dúvida, a principal causa da violência; daí a necessidade de desenvolvermos projetos que tenham como meta assegurar a geração de novos empregos, o que pode ser feito com a desoneração da atividade produtiva e a implementação de uma política de incentivos, de forma a atrair novas empresas para o DF. Há muito esta capital deixou de ser uma *ilha da fantasia*. Vamos propor um novo tempo para Brasília, antes que seja tarde.

Jorge Cauhy**PMDB**

Minha preocupação neste ano legislativo foi garantir à população do Distrito Federal melhor qualidade de vida. Para isso, busquei exercer plenamente o mandato que o povo me confiou pela terceira vez consecutiva, discutindo e votando todas as matérias apresentadas na Câmara Legislativa que traziam benefícios ao brasiliense.

Como membro do PMDB e do grupo político que dá sustentação ao governo, não poderia deixar de dar total apoio às iniciativas do GDF que garantiram melhorias à população, principalmente em favor dos idosos – uma preocupação permanente do nosso mandato – e dos mais carentes. Como sabemos, ainda há muito o que fazer – e já tem sido feita muita coisa – para garantirmos melhor infra-estrutura urbana, como obras de saneamento, asfalto, energia, etc.

Edmar Pirenópolis**PMDB**

Hoje em sua 3ª legislatura, o atual presidente da Câmara Legislativa tem uma pos

tura política pautada na defesa do meio ambiente, dos recursos hídricos, da cidade e sobretudo do cidadão, combinando ações de crescimento com a preservação da qualidade de vida dos cidadãos e da cidade.

Nesta perspectiva, promoveu seminários na área de Turismo, Legalidade das Terras do DF, Desenvolvimento do Entorno e Planejamento Urbano do DF, viabilizando, assim, o debate e orientando a ação política no DF.

Tais iniciativas têm gerado o reconhecimento dos brasilienses pelo seu trabalho, sobretudo à frente do Poder Legislativo, que hoje conta com o apoio de mais de 50% da população do DF (01/2000/CLDF/EXATA OP, pesquisa realizada entre os dias 18 e 25/08/00).

Benício Tavares**PTB**

Benício Tavares fecha o ano legislativo com chave de ouro. Em novembro realizou, no auditório do antigo IDR, seminário para discutir alternativas de segurança para as escolas públicas do DF. As propostas resultantes dos debates devem ser aproveitadas no programa Paz na Escola – projeto de lei de Benício para reduzir os índices de violência entre os estudantes e apresentar novas perspectivas de vida aos jovens.

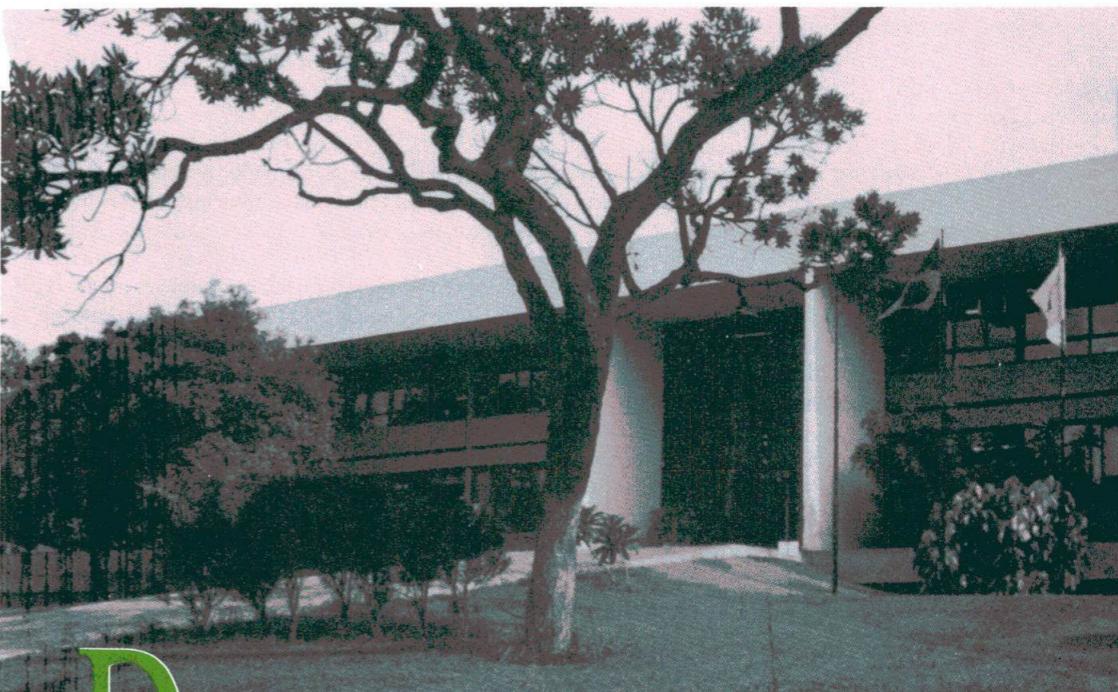
Ele comemora ainda a assinatura, pelo governador Roriz, de dois decretos. O primeiro determina às administrações regionais que façam adaptações nas vias e prédios públicos. O outro determina ao governo criar um grupo para identificar os locais de maior dificuldade de acesso aos portadores de deficiência e propor as soluções para cada caso.



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

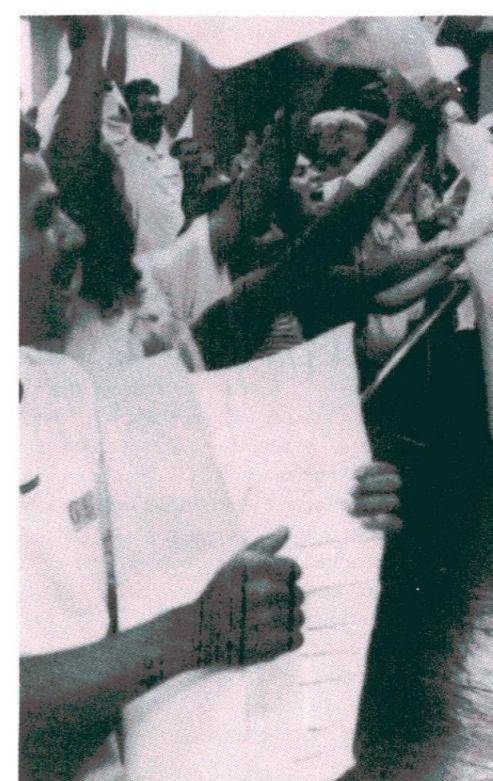
ENCARTE DA DF LETRAS

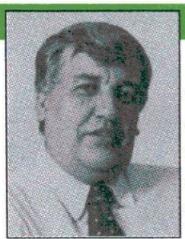
Ano I nº 09

CÂMARA LEGISLATIVA

discussões – a população é convidada natural para o debate amplo e democrático.

Na Câmara Legislativa – especialmente neste segundo semestre – falou-se sobre meio ambiente, planejamento urbano, artes plásticas, saúde, educação, cultura, turismo e também sobre os mais diversos assuntos, todos legitimados pelos anseios do cidadão brasiliense. Esta é uma Câmara Legislativa realizadora, com 24 deputados atuantes.



Wilson Lima**PSD**

O ano 2000 tem sido, sem dúvida, um ano rico de conquistas sociais para o DF e seus moradores. Refiro-me especificamente à Lei das Filas, de minha autoria, que obriga as empresas públicas e privadas do DF a atenderem seus clientes em até 30 minutos. Essa lei já está sendo copiada em todo o Brasil e seus resultados têm sido surpreendentes. Outra vitória conquistamos com a lei que reduz o valor das taxas que os comerciantes do DF pagam pela utilização de área pública na ampliação de seus estabelecimentos. Com os novos valores e o parcelamento dos antigos débitos, os empresários estão colocando suas contas em dia, oferecendo novos empregos e gerando recursos para os cofres públicos, com a possibilidade do pagamento das dívidas.

Gim Argello**PFL**

A sociedade brasiliense se fez presente na Câmara Legislativa ao longo deste

histórico ano de 2000. Contribuí ativamente nesse processo, apresentando uma série de proposições. Entre elas, destaco o Projeto Artes Plásticas e emendas importantes ao Plano Diretor de Ceilândia, como a ligação de Ceilândia a Samambaia. Também foi aprovado na Câmara, projeto de minha autoria, que garante a instalação da Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil – e ABO – Associação Brasileira de Odontologia, ambas em Taguatinga. Outra conquista, sem dúvida, foi a reinauguração da Praça Portugal, no Setor de Embaixadas Sul. O tratamento digno à questão cultural e social é a minha bandeira.

Rodrigo Rollemberg**PSB**

"Apresentei proposições legislativas e emendas ao orçamento e fiscalizei o governo."

Isso é o que vem fazendo o deputado Rollemberg. O parlamentar do PSB apresentou projetos que instituem uma nova política de Recursos Hídricos e prevê a desativação do Lixão da Estrutural, além de emendas ao orçamento que garantem recursos para a divulgação de Brasília, para o desenvolvimento do Projeto Orla e do Turismo Cívico.

Defensor da ocupação ordenada do solo, Rollemberg tem denunciado consistentemente a grilagem de terras públicas no DF, tendo apresentado denúncia ao Ministério Público contra o governador por envolvimento com a grilagem, ato que se transformou em Notícia-Crime no STJ.

Alírio Neto**PPS**

Ouvir a comunidade do Distrito Federal tem sido a nossa prioridade na Câmara Legislativa.

Neste ano de 2000, reforçamos as nossas parcerias com todos os segmentos sociais. Nas nossas andanças pelas cidades-satélites, com a "Campanha Cidadania", temos colhido sugestões e reivindicações importantíssimas que servem de subsídio na luta por melhorias para o DF. Sugestões e reclamações foram transformadas em projetos de lei, requerimentos e moções (sou autor de mais de 2 mil delas). O que mais me chama a atenção nas conversas com os moradores são as reclamações ligadas à violência. Como presidente da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania, realizamos audiências públicas nas cidades em que o índice de descontentamento foi considerado mais alto.

Anilcéia Machado**PSDB**

"Relatar o Plano Diretor Local (PDL) de Ceilândia foi minha atividade mais importante neste ano 2000". A avaliação é da deputada Anilcéia Machado (PSDB).

A deputada apresentou também 12 projetos de decreto legislativo, 11 projetos de lei, 29 leis complementares e 103 moções. Entre estes, destacam-se a concessão do título de cidadão honorário para os soldados e oficiais que integraram a missão de paz brasileira enviada ao Timor Leste; o projeto que regulamenta o horário de fechamento de bares e restaurantes sem isolamento acústico; e a lei que cria em todas as delegacias do Distrito Federal serviços de atendimento especial às mulheres vítimas de maus tratos.

Neste ano, além de todas as minhas atividades parlamentares, incluindo a de membro da Comissão de Economia Orçamento e Finanças (CEOOF), orientei minhas ações em busca dos recursos financeiros para as obras de implantação do campus avançado da UnB em Planaltina que, graças à vontade política do governador Roriz, serão iniciadas ainda neste exercício.

Daniel Marques**PMDB**

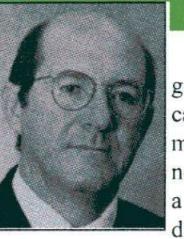
O ano 2000 tem sido extremamente especial para o Distrito Federal. A ação empreendedora do governo Roriz se faz presente em todas as regiões administrativas.

As obras do governo Joaquim Roriz vão além de novos prédios ou viadutos. Há também as obras de caráter social como as frentes de trabalho, o programa de alimentação básica, a distribuição de pão e leite, entre outras.

Neste ano, além de todas as minhas atividades parlamentares, incluindo a de membro da Comissão de Economia Orçamento e Finanças (CEOOF), orientei minhas ações em busca dos recursos financeiros para as obras de implantação do campus avançado da UnB em Planaltina que, graças à vontade política do governador Roriz, serão iniciadas ainda neste exercício.

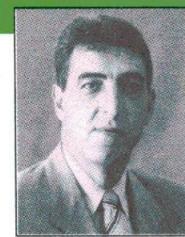
Renato Rainha**PL**

Infelizmente o ano de 2000 não foi um bom ano para a Câmara Legislativa. Como deputado de oposição, assisti perplexo, ao lado da população do Distrito Federal, essa Casa de Leis tornar-se uma *sucursal* do Palácio do Buriti. A maioria dos deputados resolveu deixar de apurar denúncias de irregularidades contra o GDF, entre elas a da merenda escolar, do FAT, da Enterpa, etc. descumprindo com isso uma de suas principais prerrogativas, que é a de fiscalizar o Poder Executivo. De minha parte, tentei de todas as formas defender os interesses da população do DF, apresentando projetos e aprovando leis que garantam uma melhor qualidade de vida para todos nós. Que 2001 possa ser diferente.

Wasny de Roure**PT**

Uma das grandes marcas do nosso mandato neste ano foi a luta em defesa da

moralidade administrativa e do patrimônio público. Nesse sentido, não medimos esforços, por intermédio de ações na Justiça e no Legislativo, para atender os anseios da população. Mas não podemos nos esquecer dos grandes debates, audiências públicas e comissões gerais promovidas por nosso gabinete. Entre outros temas, discutimos a preservação de Brasília, a febre amarela, a esclerose múltipla no DF, as lesões por esforço repetitivo e o uso dos agrotóxicos. E, mais importante, tomamos iniciativa para assegurar que o resultado dessas ações parlamentares venha a beneficiar toda a população do DF.

Nijed Zakhour**PMDB**

Compete à Câmara Legislativa, como um dos três poderes, detectar o processo de desenvolvimento da sociedade do DF. Como parlamentar tenho percebido dois diferenciados tipos de problemas que nossa sociedade tem sofrido: expansão demográfica e suas consequências; e dificuldade orçamentária na manutenção da máquina do governo.

Cabe ao legislador a elaboração de leis e moções que tragam soluções ao Executivo e contribuam para impedir o abuso de poder. Neste ano de 2000, iniciei minhas atividades com o projeto de lei Anel Viário. Pretendo trazer ao plenário projetos sobre outros assuntos, tais como a questão da propriedade da terra, a segurança, entre outros, conforme a prioridade.

Paulo Tadeu**PT**

O deputado Paulo Tadeu, que tem se destacado como um legítimo defensor dos

trabalhadores, exerce um mandato de plena atividade. Todas as suas ações e proposições têm como centro a conquista de uma sociedade mais justa no Distrito Federal. Em todas as votações e oportunidades, ele sempre se posiciona em favor da igualdade social.

Paulo Tadeu trabalha para que a política capitalista de exclusão implantada no Brasil e no DF seja sempre combatida, para que se mude a história de enriquecimento de uma minoria, em detrimento da maioria da população, que são trabalhadores. Por isso, luta para conscientizar as massas de que seu poder de pressão e sua organização são fundamentais para mudar essa situação de miséria em que o Brasil se encontra.

José Tatico**PMDB**

O deputado José Tatico tem demonstrado estar atento aos problemas do Distrito Federal e já elabora emendas ao orçamento de 2001, visando assegurar recursos para a realização de obras no Distrito Federal, bem como ratificar as emendas já apresentadas ao orçamento de 2000.

A ligação de Ceilândia a Samambaia, bem como a ligação do Setor P-Norte de Ceilândia à DF-180 (Só Frango), são exemplos de emendas apresentadas pelo deputado José Tatico.

Aguinaldo de Jesus**PFL**

Completando quase dois anos do meu mandato legislativo, todo meu trabalho tem sido voltado não apenas para criar novos projetos de lei mas, principalmente, para fiscalizar a execução das leis já aprovadas nesta Casa. Consciente das grandes dificuldades que toda a população tem enfrentado em meio à falta de emprego, segurança, saúde, transportes e escolas, tenho buscado encontrar alternativas que

solucionem essas questões. Os problemas sociais de nossa cidade só poderão ser resolvidos com trabalho sério e ações concretas.

Lucia Carvalho**PT**

Nosso mandato tem-se fortalecido cada vez mais como um mandato popular, saindo do gabinete e indo às ruas, buscando conhecer melhor as necessidades de cada comunidade. Temos trabalhado ativamente na defesa dos direitos da mulher e do idoso, na defesa da educação e da saúde, apresentando projetos de interesse para os cidadãos brasilienses.

Nossa participação nos movimentos populares tem sido constante, apoiando nossos companheiros e intermediando as negociações junto aos poderes competentes e junto aos outros parlamentares, sempre que possível. Além disso, temos combatido ativamente os desmandos do governo, sempre que ele se contrapõe aos interesses da população de Brasília, como no caso do aumento das taxas públicas.

João de Deus**PDT**

O deputado João de Deus luta arduamente em prol da cidadania dos policiais e bombeiros militares do Distrito Federal, sendo autor da lei que cria, para tais categorias, a Gratificação do Risco de Vida. No ano 2000, o deputado teve sancionadas leis tais como: Lei Complementar nº 282/2000, que altera a destinação de uso dos lotes que especifica na Região Administrativa do Gama – RA II, em benefício do comércio local, fomentando a geração de empregos; e Lei Complementar nº 298/2000, que dispõe sobre a alteração das Normas de Edificação, Uso e Garabito em Samambaia e Gama, objetivando o rápido desenvolvimento daquelas regiões administrativas.

Adão Xavier**PPB**

Em seu sexto ano como deputado distrital, o deputado Xavier teve uma excelente atuação parlamentar, apresentando, até 4 de outubro, 123 proposições e 5 leis, que já estão em vigor no DF. Somando-se a esse trabalho, contam-se também as inúmeras intervenções junto ao GDF, à Secretaria de Obras e a outros órgãos e empresas, para atender as reivindicações da

Maria José - Maninha**PT**

Persistiu no mesmo trabalho de fiscalização atenta do governo e apresentei mais de

30 novos projetos de lei. Foi aprovado, entre outros, o projeto que estabelece punições para a discriminação por orientação sexual. Transferi alguns debates para a Câmara, como o travado sobre a possibilidade de extinção da licença maternidade, com a revisão da Convenção 103 da OIT. Assumi a presidência da Comissão de Assuntos Sociais (CAS), que, entre outras ações por mim propostas, convocou o presidente da Novacap para explicar os preços da terceira ponte do Lago Sul e visitou o Hospital São Vicente de Paula, para apurar denúncias. Procurei apoiar a luta de médicos, odontólogos e demais servidores da área de saúde, policiais militares, professores e auxiliares de ensino.